

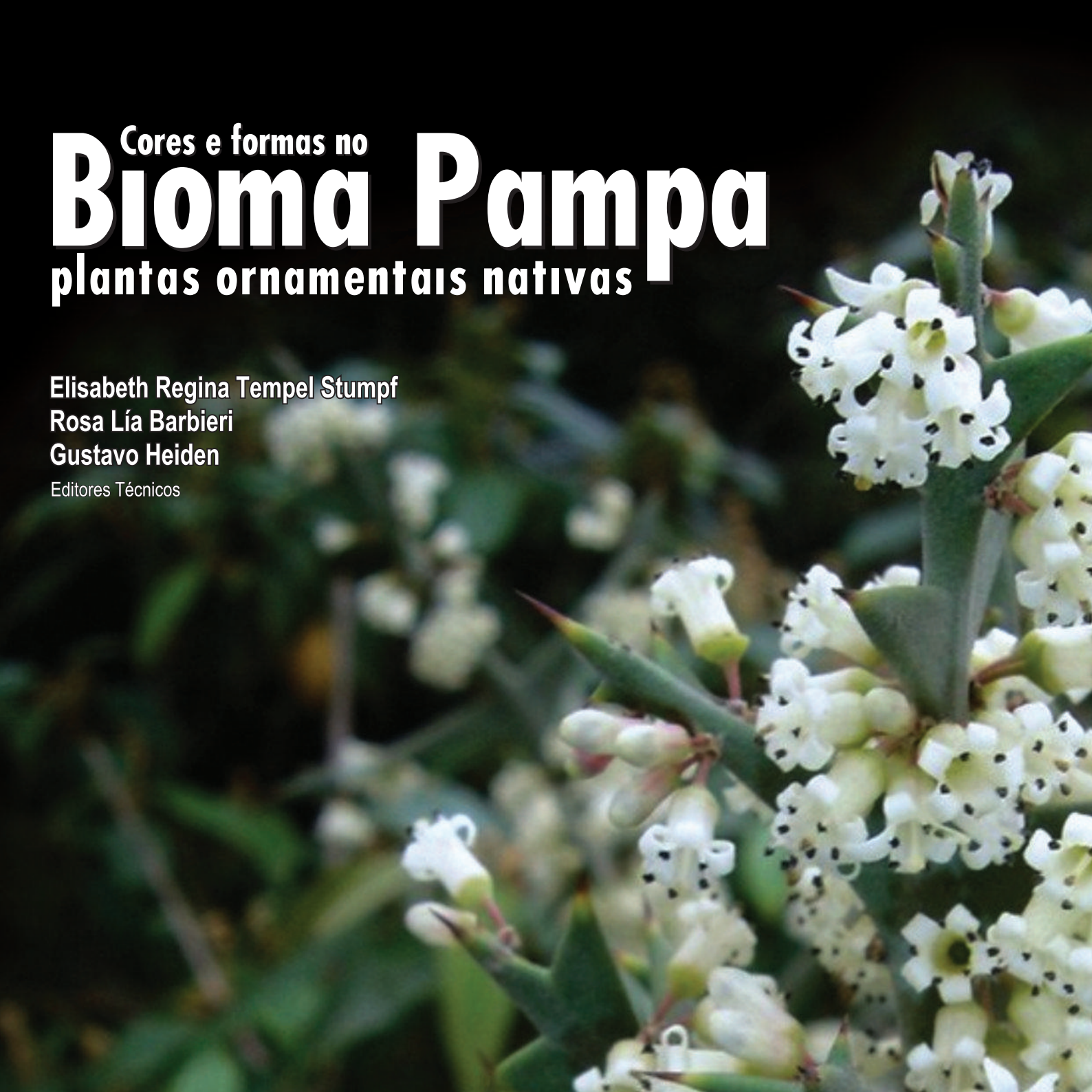
Cores e formas no **Bioma Pampa** **plantas ornamentais nativas**

Elisabeth Regina Tempel Stumpf

Rosa Lía Barbieri

Gustavo Heiden

Editores Técnicos



Cores e formas no
Bioma Pampa
plantas ornamentais nativas

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Clima Temperado

Endereço: BR 392 Km 78

Caixa Postal 403, CEP 96001-970 - Pelotas, RS

Fone: (53) 3275-8199 | Fax: (53) 3275-8219 – 3275-8221

Home page: www.cpact.embrapa.br | E-mail: sac@cpact.embrapa.br

Comitê de Publicações da Unidade

Presidente: Ariano Martins de Magalhães Júnior

Secretária-Executiva: Joseane Mary Lopes Garcia

Membros: José Carlos Leite Reis, Ana Paula Schneid Afonso, Giovani Theisen, Luis Antônio Suita de Castro, Flávio Luiz Carpena Carvalho, Christiane Rodrigues Congro Bertoldi e Regina das Graças Vasconcelos dos Santos

Suplentes: Márcia Vizzotto e Beatriz Marti Emygdio

Normalização bibliográfica: Regina das Graças Vasconcelos dos Santos

Projeto gráfico, tratamento das ilustrações e editoração eletrônica: Nativu Design

1ª edição

1ª impressão (2009): 500 exemplares

2ª impressão (2014): 1000 exemplares

3ª impressão (2016): 2000 exemplares.

A terceira impressão do presente livro foi possível graças ao suporte financeiro do projeto “Conservação da biodiversidade como fator de contribuição ao desenvolvimento do estado do Rio Grande do Sul: RS - Biodiversidade”, com recursos do GEF/Banco Mundial e apoio da Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Rio Grande do Sul e da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Stumpf, Elisabeth Regina Tempel.

Cores e formas no Bioma Pampa: plantas ornamentais nativas /
Editores Elisabeth Regina Tempel Stumpf, Rosa Lía Barbieri,
Gustavo Heiden -- Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009
276 p. : il.

ISBN 978-85-85942-38-3

Planta nativa – Arte Floral – Paisagismo. I. Barbieri, Rosa Lia. II.
Heiden, Gustavo. III. Título.

Cores e formas no
Bioma Pampa
plantas ornamentais nativas

Elisabeth Regina Tempel Stumpf

Rosa Lía Barbieri

Gustavo Heiden

Editores técnicos

A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas.

Johan Wolfgang Von Goethe

Agradecimentos

Os autores agradecem a colaboração da Dra. Atelene Normann Kämpf e da Dra. Luiza Chomenko, pela revisão, sugestões e críticas para a qualificação do texto. Os autores agradecem ainda aos especialistas Dra. Daniela Zappi e Nigel Taylor, pela identificação de *Opuntia elata*, Dra. Elide Pereira dos Santos, pela identificação de *Salvia procurrens*, M. Sc. Priscila Porto Alegre Ferreira, pela identificação de *Ipomoea uruguayensis*, e às amigas M. Sc. Raquel Silvana Neitzke e M. Sc. Sântia Zitzke Fischer, pelo auxílio nos trabalhos de campo.

Autores

Cátia Maria Romano

Engenheira agrônoma, doutora em Ciência e Tecnologia Agroindustrial,
bolsista da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS
catiamromano@gmail.com

Elisabeth Regina Tempel Stumpf

Engenheira agrônoma, doutora em Agronomia,
pesquisadora colaboradora da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS
elisabeth.stumpf@gmail.com

Gustavo Heiden

Biólogo, mestre em Botânica,
bolsista da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS
gustavo.heiden@gmail.com

João Ricardo Vieira Iganci

Biólogo, mestre em Botânica,
doutorando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
joaoiganci@gmail.com

Lauís Brisolara Corrêa

Biólogo,

mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

lauisbrisolara@gmail.com>

Rosa Lia Barbieri

Bióloga, doutora em Genética e Biologia Molecular,

pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS

barbieri@cpact.embrapa.br

Tângela Denise Perleberg

Bióloga, mestre em Sistemas de Produção Agrícola Familiar,

pesquisadora colaboradora da Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS

tangelaperleberg@gmail.com

Apresentação

Um novo olhar sobre o pampa contrasta com sua história, marcada pela tradição cultural de sua gente, seus costumes, seu tempo e suas vidas. Muitas lutas, conquistas, derrotas, lendas. O momento atual leva à busca de novos usos para sua rica biodiversidade. Fauna, flora, água, terra, gente, uma visão renovada. O desafio de resgatar saberes e conhecimentos locais e de identificar novos arranjos produtivos está presente nas pautas de pesquisa e desenvolvimento regional.

Esta obra inovadora ousa em prospectar e apresentar, sob uma nova perspectiva, um conjunto de plantas nativas com as quais certamente muitos de nós já cruzamos um bom número de vezes, sem, no entanto, perceber sua beleza. Suas cores, suas formas, seus aromas e sua arquitetura, por vezes rústica, demonstram vitalidade e instinto de sobrevivência nos contrastes do pampa gaúcho. Com este livro, a Embrapa Clima Temperado visa contribuir para a divulgação e valorização da diversidade e riqueza de plantas nativas no Bioma Pampa.

Waldyr Stumpf Junior

Chefe-Geral

Embrapa Clima Temperado

Sumário

De repente, a beleza!.....	15
Sobre a paisagem e a flora.....	23
Valorizando a flora nativa.....	37
Reconhecendo plantas nativas com características ornamentais.....	45
Plantas ornamentais nativas.....	51
Glossário.....	253
Índice remissivo de nome científicos.....	261
Créditos das fotografias.....	269
Sobre os autores.....	271



Aspilia montevidensis e *Glandularia selloi* em campo nativo.

Elisabeth Regina Tempel Stumpf

De repente, a beleza!

As plantas atraem o homem tanto por sua utilidade como por sua beleza. No entanto, ainda que existam numerosos relatos sobre o uso alimentício, medicinal, aromático ou como fonte de matéria-prima, o conhecimento sobre como e quando nossos antepassados passaram a utilizá-las para fins ornamentais é restrito.

Algumas das fontes mais ricas de informação acerca do uso de plantas ao longo da história estão, sem dúvida, nos registros arqueológicos e nas artes. Vestígios com cerca de 60 mil anos, mostraram que o homem de Neandertal utilizava flores e folhas em seus rituais fúnebres (WHITROW, 1993). Mesmo que não se possa com-

provar a intenção, presume-se que elas fossem utilizadas naquelas cerimônias mais como forma de garantir o alimento na vida pós-morte que acreditavam existir, do que para a ornamentação do ritual. Pinturas ruprestes datadas de mais de 35.000 anos, são das mais antigas documentações artísticas conhecidas sobre o uso de plantas. Nelas, o homem registrava o cotidiano de sua vida ainda nômade, de caça e de coleta, quando habitava grutas e cavernas para se proteger das intempéries e de predadores.

Gordon (2009) cita uma interessante teoria que sugere que as flores evocam sentimentos positivos até os dias atuais por terem sido, desde a pré-história, associadas à presença de alimentos. Em seus constantes deslocamentos, o homem primitivo coletava cerca de 2.500 espécies de plantas superiores, conhecendo sua época de florescimento e de frutificação (SERENO et al., 2008). Desta forma, como já sabia que as flores precedem os frutos, as espécies floridas eram vistas como um promissor indicativo de recursos futuros para o consumo direto e que poderiam servir também para atrair animais a serem abatidos (GORDON, 2009).

Quando descobriu, há cerca de 10 mil anos, que alguns grãos coletados para sua alimentação poderiam ser enterrados para produzir novas plantas iguais às que os originaram, o homem mudou drasticamente sua relação com a natureza. A agricultura permitiu que deixasse de ser nômade, passando a viver em aldeias que se desenvolveram em várias civilizações ao redor do mundo. A permanência em um mesmo local trouxe consigo, no entanto, a consciência dos problemas ocasionados pelo excesso ou falta de chuvas, pelas pragas e por outras catástrofes naturais até então não compreendidas pelo homem, e que fizeram surgir crenças e ritos místicos. O homem acreditava que o crescimento das plantas, a reprodução dos animais ou mesmo a sucessão regular das estações do ano só ocorreriam se ele cumprisse certos sacrifícios e ritos. Esses ritos giravam ao redor de totens¹ protetores, representados por animais ou plantas e que teriam o poder de favorecer caçadas e colheitas abundantes. Ocorreu, assim, o surgimento de uma nova forma de relação com as plantas,

¹ Os totens eram emblemas que reproduziam uma planta ou animal, e que serviam como símbolo do grupo e do seu deus. O totemismo é a forma mais elementar da vida religiosa (ZANINI, 2006).

aliando a importância alimentar à espiritualidade. No entanto, mesmo assumindo uma função bastante distinta da original, elas não eram ainda reconhecidas ou valorizadas por sua beleza.

Com o decorrer do tempo, com a evolução das técnicas agrícolas e por uma questão de praticidade, o homem passou a trazer para perto das moradias as plantas mais importantes para a sua sobrevivência. Cultivando ervas aromáticas e plantas comestíveis de uma forma harmônica e intencional, deu origem aos primórdios dos jardins. Os antigos babilônios, egípcios e persas foram os primeiros a cultivar plantas em jardins que surgiram, provavelmente, não apenas da necessidade de sobrevivência, mas também, mesmo que inconscientemente, da necessidade de ter novamente a natureza junto de si, que começava a se tornar afastada do cotidiano pelo desenvolvimento das primeiras grandes cidades. Sendo assim, é natural que a agricultura ainda servisse como uma referência àqueles jardins. Para fornecer sombra, eram cultivadas árvores frutíferas e havia muitos condimentos e ervas que eram utilizados no preparo de alimentos e para a extração de perfumes. Ainda assim, os jardins eram, até então, simplesmente utilitários, e não implantados com o propósito exclusivo de embelezar os espaços.

Por um longo período, o conhecimento do homem acerca das plantas ficou restrito a questões de natureza prática e limitado a uma quantidade relativamente pequena de espécies. Conhecia, de fato, apenas as espécies úteis, valorizadas pelo alimento que propiciavam, por suas virtudes curativas ou aromáticas, ou pelas fibras que forneciam, não tendo despertado ainda para a percepção de sua beleza. Mas é possível que o convívio diário com aquelas plantas tenha colaborado para que o homem percebesse as qualidades estéticas que algumas apresentavam e passasse a cultivá-las com o objetivo específico de embelezamento. Essa nova visão sobre as plantas fez surgir, em 2000 a.C., simultaneamente no Egito e na China, os primeiros jardins intencionalmente cultivados para ornamentar templos e residências (PILOTTO, 1997). A partir desse momento, a beleza das plantas passou definitivamente a fazer parte dos jardins e da decoração de ambientes internos. Flores e folhagens colhidas nos jardins foram utilizadas, por muito tempo, como adorno pessoal e para enfeitar mesas de cerimônias religiosas, festas e banquetes (KIKUCHI, 1995).

Durante a Idade Média européia (476 d.C. a 1453 d.C.), no entanto, houve um grande retrocesso na expansão do uso ornamental das plantas. As pestes e as constantes invasões dos povos bárbaros fizeram com que as cidades se fechassem com muros. As plantas medicinais e os alimentos passaram então a ser cultivados nos espaços livres no interior dessas verdadeiras fortificações. Nos monastérios e conventos, os jardins ficaram confinados em pequenos e austeros espaços que continham hortaliças, frutas e espécies medicinais. Neles, as flores eram cultivadas e colhidas apenas para ornamentar os altares das igrejas, para compor medicamentos ou, em menor escala, para a elaboração de perfumes (PILOTTO, 1997). Mesmo as rosas, bastante apreciadas até então, voltaram a ser cultivadas apenas para esses fins, pois passaram a ser vistas pela Igreja Cristã como um símbolo de luxúria (BEALES, 2000). Somente no século XV, com o Renascimento, é que os jardins voltaram a ocupar áreas maiores, retomando sua posição de destaque, com o uso intenso de plantas para a ornamentação. Surgiram os jardins botânicos e o comércio de plantas para coleção, resultado da expansão européia em novos continentes. A ruptura com a estrutura medieval e a evolução das ciências e das artes se refletiu também na liberdade de criação. O fascínio do homem pelas plantas nesse período está fartamente documentado em pinturas, tapeçarias e também na literatura. Desde então a humanidade assumiu definitivamente seu fascínio pelas plantas ornamentais e passou a refletir seus hábitos e cultura na forma como planeja os jardins e compõe os arranjos florais. Ainda hoje se encanta e se surpreende ao ver uma nova planta, uma forma inesperada ou uma cor incomum nas flores. As plantas ornamentais consolidaram, enfim, seu uso com a finalidade de comunicar sentimentos e proporcionar bem-estar e embelezamento.

No final do século XX o mundo iniciou o processo de globalização de costumes. Se por um lado ele trouxe efeitos positivos para vários setores da sociedade, por outro, favoreceu uma quase uniformização no aspecto dos jardins e arranjos florais, que passaram a empregar praticamente as mesmas espécies em diversas regiões do globo, resultado ainda do intenso intercâmbio de plantas iniciado no século XV, que associava beleza ao exótico. No Brasil não foi diferente. Ainda que as plantas brasileiras tenham encantado artistas e cientistas que vieram com a corte portuguesa no início do século 19, para

os habitantes da colônia era demonstrar riqueza e poder utilizar tudo o que viesse do exterior, inclusive as plantas. Além disso, os imigrantes cultivavam plantas de seus locais de origem como forma de reproduzir ambientes familiares nos novos locais ocupados. Até hoje é possível verificar a presença desse padrão de beleza nos jardins e arranjos florais, que priorizam estilos europeus. Essa tendência de uniformização e perda de identidade, no entanto, vem provocando uma reação contrária. Ao mesmo tempo em que ainda são incorporados costumes e valores de outras culturas, os localismos voltam a ser valorizados. O momento histórico atual mostra uma busca pelo retorno às particularidades, pela valorização das diferenças e pelo reforço das identidades regionais. Assim como os primeiros jardins refletiam o contexto histórico da época, reproduzindo o que havia de mais importante, que era a sobrevivência, é natural que atualmente não apenas os jardins, mas também a arte floral, reflitam essa nova visão, onde a identidade regional, a consciência ecológica, a preservação do ambiente e a valorização da biodiversidade também devem estar presentes. A percepção anteriormente globalizada sobre aquilo que é belo, se volta agora ao reconhecimento da beleza da flora nativa. No Brasil, foi o arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx que primeiro se interessou pela flora brasileira, fazendo amplo uso de espécies nativas em seus projetos. Foi ele o responsável pela disseminação do uso de plantas tropicais nativas, juntamente com espécies exóticas, em praças e jardins. Atualmente, a produção de flores tropicais para exportação tem recebido grande incentivo no nordeste brasileiro. Mas existe certa tendência em aceitar que, no Brasil, somente a flora tropical apresenta plantas apropriadas para uso ornamental. É comum o pensamento, por exemplo, de que o Bioma Pampa tenha aptidão apenas para a exploração de espécies forrageiras. No entanto, ele abriga uma enorme diversidade de plantas com possibilidade de uso ornamental em seus campos, banhados e matas, que merece ser melhor investigada e reconhecida. O ambientalista gaúcho José Antonio Lutzenberger, consciente dessa diversidade, criava projetos paisagísticos em consonância com o potencial natural dos ambientes, ressaltando suas belezas e preservando a paisagem natural. É preciso aprender com essa lição. É hora de reconhecer e divulgar a beleza da flora do Bioma Pampa, proposta a que se destina esse livro.



Eryngium eriophorum, planta nativa no Bioma Pampa, em arranjo com espécies exóticas.

Referências

GORDON, H. O. **An evolutionary perspective on aesthetics**. Disponível em: <<http://www.apa.org/divisions/div10/articles/orians.html>>. Acesso em: 12 jul. 2009.

KIKUCHI, O. Y. **Ornamentação floral**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 1995. 73 p.

PILOTTO, J. M. C. **Áreas verdes para a qualidade do ambiente de trabalho: uma questão eco-ergonômica**. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta97/pilotto>>. Acesso em: 24 jun. 2009.

SERENO, M. J. C. M., WIETHÖLTER, P., TERRA, T. F. Domesticação das Plantas. In: BARBIERI, R. L., STUMPF, E. R. T. (Org.). **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008, p. 37-58.

WHITROW G. J, **O tempo na história**: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 244 p.

ZANINI, M. C. Totemismo revisitado: perguntas distintas, distintas abordagens. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n.1, p. 513-533, 2006.

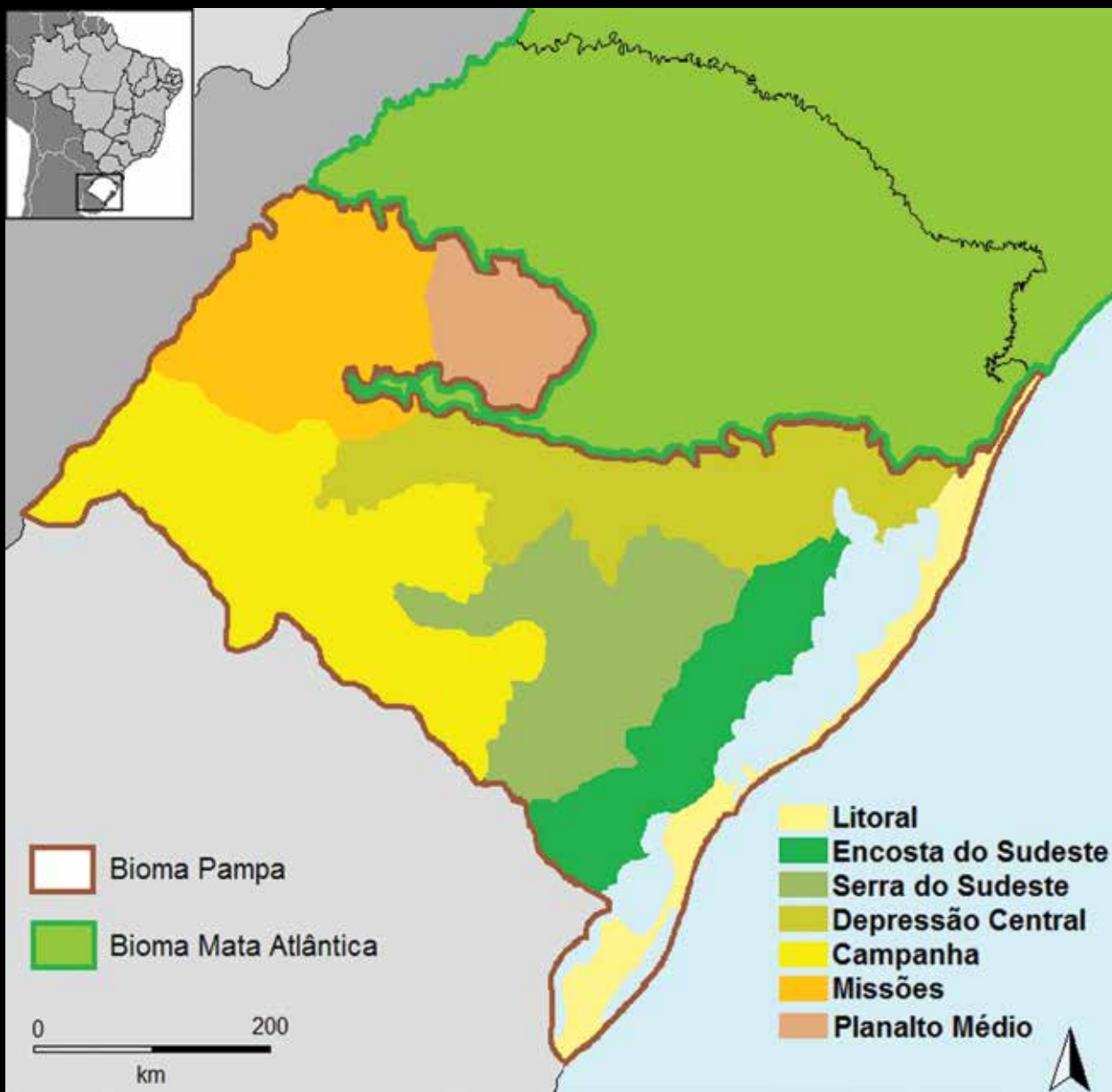


Campos da Campanha em Bagé, a porção mais característica do Bioma Pampa no Brasil.

Gustavo Heiden
João Ricardo Vieira Iganci

Sobre a paisagem e a flora

O Brasil é um país de vasta extensão territorial e de marcante clima tropical na maior parte de seu território. Amazônia, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica são áreas contrastantes e expressões marcantes de um país onde a maior parte das terras se situa na região equatorial e tropical da América do Sul. Porém, a partir da porção sul do estado de São Paulo, próximo à divisa com o Paraná, o espaço tropical vai, gradativamente, diluindo-se e começa a ceder lugar para o Brasil Subtropical, caracterizado pelas matas com pinheiros, pelas florestas subtropicais e pelos campos de cima da serra. As paisagens deste Brasil Subtropical abruptamente se despedem nas encostas da porção meridional do planalto sul-brasileiro, no Rio



Delimitação entre os Biomas Pampa e Mata Atlântica no Brasil (IBGE, 2004) e Regiões Fisiográficas representadas no Bioma Pampa, adaptadas a partir de Fortes (1959).

Grande do Sul, e abrem espaço para uma região pouco conhecida pelos próprios brasileiros. A partir desse limite, no paralelo 30°S, descortinam-se os horizontes amplos dos pampas de um Brasil Platino. Uma região moldada pelo clima temperado e caracterizada pelas vastas planícies, às vezes interrompidas e emolduradas por cerros isolados e serras de antigas montanhas desgastadas pelo tempo, ou entremeadas por lagoas e outros corpos d'água, onde os últimos elementos de tropicalidade ainda marcam presença, lembrando que ali ainda é Brasil.

A história associada à paisagem natural dos pampas forneceu a base para a formação da cultura e da identidade do gaúcho e para a constituição de um sentimento de pátria que ultrapassa os limites políticos convencionais, ligando os povos que habitam essas paisagens do extremo sul brasileiro aos *hermanos* pampeanos do Uruguai e da Argentina. O termo pampa foi cunhado no idioma indígena quechua pelos primeiros habitantes das planícies do sul da América do Sul, em tempos pré-colombianos e significa região plana. Essa denominação estava ligada às paisagens de extensas planícies com topografia suave ou levemente ondulada, cobertas por vegetação baixa, predominante em uma área de clima temperado que se estende a partir da Patagônia argentina, em seu limite sul, até as encostas do planalto sul-brasileiro no Rio Grande do Sul, em seu limite norte.

Os campos de clima temperado existentes nessa região estão entre as principais formações vegetacionais desse tipo no planeta (BILENCA; MIÑARRO, 2004). Alguns autores, como Soriano et al. (1992), denominam esses campos como Pastagens do Rio da Prata e restringem o uso do termo pampa apenas para as pradarias localizadas ao sul e oeste do Rio da Prata, na Argentina, denominando as formações campestres ao norte e leste do Rio da Prata de campos do norte, em território argentino (Misiones e Corrientes), uruguaio e brasileiro (metade sul do Rio Grande do Sul). Entretanto, Cabrera e Willink (1980) utilizam a designação Província Pampeana em um sentido amplo, abrangendo as formações campestres tanto ao sul, quanto ao norte do Rio da Prata, delimitando uma área mais aproximada ao território ao qual se referiam originalmente os povos nativos do Cone Sul. A classificação em biomas adotada no Brasil não encontra similar nos países vizinhos. Entretanto, a de-

limitação do Bioma Pampa, no sentido adotado pelo IBGE (2004), é mais ou menos coincidente com a região delimitada por Cabrera e Willink (1980) sob o nome de Província Pampeana, ocupando uma área com cerca de 700.000 km², compartilhada pela Argentina, Brasil e Uruguai.

As diferentes denominações adotadas para se referir ao pampa brasileiro, que muitas vezes fica em segundo plano devido à pequena área ocupada no país ou é ofuscado pela exuberância das demais formações vegetacionais ocorrentes em território nacional, tornou essa porção da nossa região uma área negligenciada quanto ao seu valor como um cenário natural rico em biodiversidade própria. Ainda hoje os campos são, às vezes, erroneamente interpretados como uma paisagem artificial, resultante da ação do homem nesse ambiente. Um novo olhar sobre o Pampa, que passou a ser interpretado como uma paisagem natural, valiosa e peculiar, somente foi despertado após a publicação, por parte do IBGE (2004), do mapa de biomas continentais do Brasil. Esse mapa buscou dar sentido aos conjuntos de comunidades de plantas com a respectiva fauna associada, de acordo com as condições físicas predominantes e expressando uma história compartilhada de mudanças no tempo geológico (VAZ, 2006).

No Brasil, o Bioma Pampa possui uma área de 178.243 km² e está restrito ao Rio Grande do Sul, ocupando cerca de 63% do Estado e 2% do Brasil. Este bioma compreende um conjunto ambiental de diferentes solos recobertos, predominantemente, por vegetações campestres, sendo caracterizado por clima chuvoso, sem período seco sistemático, mas marcado pela frequência de frentes polares e temperaturas negativas no inverno. O mapeamento da cobertura vegetal identificou 49% da área do bioma alterada por usos antrópicos, restando ainda 41% de vegetação nativa em diferentes estados de conservação, além da área ocupada pelos corpos d'água, que corresponde a 10%. Dentre as áreas remanescentes de vegetação nativa os campos equivalem a 23%, enquanto que a vegetação de transição entre campos e florestas ocupa 13% do território e as formações florestais 5% (IBGE, 2004; HASENACK, 2006).

A vegetação dominante no pampa apresenta gramíneas que atingem em média 60 cm ou mesmo mais de 1 metro de altura, entre as quais crescem nume-

rosas espécies herbáceas e alguns subarbustos e arbustos. Essas espécies constituem pastagens naturais que possuem um período de repouso no inverno e outro no verão e que mostram todo o seu esplendor quando florescem na primavera, assemelhando os campos a um mar policromático (CABRERA; WILLINK, 1980). Boldrini (1997) estima a ocorrência de cerca de 3.000 espécies de plantas nos Campos Sulinos no Rio Grande do Sul, englobando as formações campestres no Bioma Pampa e no Bioma Mata Atlântica (campos de altitude ou campos de cima da serra). Além disso, sabe-se que os campos da região de Porto Alegre, no Bioma Pampa, apresentam uma diversidade muito grande, posicionando-os entre as comunidades campestres mais ricas em espécies no mundo (OVERBECK et al., 2007). Porém, uma estimativa do número de espécies ocorrentes especificamente no Bioma Pampa ainda não foi publicada.

Desde o Litoral até a Campanha, o Bioma Pampa brasileiro apresenta paisagens distintas, associadas com floras peculiares. Conforme Ab'Sáber (2005) o Rio Grande do Sul, especialmente sua metade sul, é a porção de maior diversificação topográfica e geológica da Região Sul do Brasil. Dentro da complexidade de ambientes encontrados no Estado, Fortes (1959) descreveu 11 regiões fisiográficas, das quais sete (Litoral, Encosta do Sudeste, Serra do Sudeste, Depressão Central, Campanha, Missões e Planalto Médio) estão representadas no Bioma Pampa.

A região fisiográfica do Litoral é uma extensa planície arenosa litorânea, salpicada por inúmeras lagoas e caracterizada por formações pioneiras de restinga, vegetações formadas principalmente por espécies que ocorrem ao longo dos rios e nas proximidades de lagoas ou do mar, em dunas ou áreas inundáveis, por exemplo. A flora, além de abrigar espécies exclusivas, também é influenciada por outras de ampla dispersão ou pela vegetação de regiões adjacentes, onde a porção norte relaciona-se com o Bioma Mata Atlântica, enquanto que na porção sul predominam espécies típicas do Bioma Pampa. Habitats propícios para as plantas começam a surgir a partir das primeiras dunas em uma ordem de ecossistemas que passa pelas lagoas temporárias, banhados, campos de restinga, arroios e lagoas permanentes, matas paludosas e matas de restinga. Cada ambiente apresenta um conjunto próprio



Palmar na Encosta do Sudeste, em Tapes.

de espécies, adaptadas a estresses como secas, inundações, insolação ou salinidade. Um ecossistema singular encontrado no estuário da Laguna dos Patos são as marismas, um ambiente de transição entre águas rasas e salobras e a terra firme. Também são peculiares os palmares, extensas formações de butiás (*Butia* spp.).

A região da Encosta do Sudeste abrange as encostas leste das serras do Herval e dos Tapes, sendo uma área de transição entre o Litoral e a Serra do Sudeste propriamente dita. A composição da flora mostra influência de espécies arbóreas típicas da Mata Atlântica, formando matas cuja extensão e diversidade diminui em direção ao sul. Em função do relevo, que varia de ondulado a fortemente ondulado e do histórico de colonização, com predominância da pequena propriedade rural, os ecossistemas e agroecossistemas se distribuem como uma colcha de retalhos, alternando matas, campos nativos e cultivos. Nas áreas baixas e menos inclinadas predominam campos com capões e matas de galeria e banhados, enquanto que nos vales e nas encostas suaves ou íngremes, que se tornam frequentes em direção ao interior, predominam as florestas, onde os capões e matas de encosta de Floresta Estacional Semidecidual (floresta caracterizada pela perda de 20 a 50% das folhas das árvores durante o outono e o inverno) são as matas mais desenvolvidas no Bioma Pampa. Também ocorrem nessa região os mais extensos remanescentes de palmares do Bioma Pampa.

A Serra do Sudeste corresponde ao espaço ocupado pelo Escudo Sul-Rio-Grandense, com exceção das encostas voltadas para o leste. Predominam nessa região morros e cristas de serras de granito, mas também estão presentes formações rochosas constituídas por arenitos e conglomerados. Nessa região predomina vegetação campestre herbáceo-subarbustiva, onde estão representados os campos sujos com diversas espécies de carquejas e vassouras (*Baccharis* spp., *Dodonaea viscosa* Jacq.). Os campos são entremeados por formações do tipo parque (vegetação onde ocorrem espécimes esparsos de árvores, cujas copas não se tocam, em meio à vegetação predominantemente herbácea) ou matas de encosta, matas de galeria e capões, sendo que as transições entre campo e florestas não costumam ser tão abruptas como nas demais regiões do bioma. Destacam-se campos de solos rasos e aflora-



Remanescentes de Floresta Estacional Semidecidual na Encosta do Sudeste, em Pelotas.

mentos rochosos onde ocorrem espécies xerófilas, sendo várias endêmicas. Também merece nota a ocorrência pontual de capões e matas com araucária, que constituem o limite sul da Floresta Ombrófila Mista, também denominada Mata com Araucária.

A Depressão Central é uma planície localizada entre o Planalto Sul-Brasileiro e o Escudo Sul-Rio-Grandense, polvilhada por cerros de arenito e basalto e banhada por uma vigorosa rede hidrográfica. É a região fisiográfica do Bioma Pampa que apresenta maior área de contato com o Bioma Mata Atlântica, porém com transições abruptas entre campo e floresta. Os campos dominam os relevos planos e as florestas estão representadas nas áreas de maior declividade, no limite entre os biomas, ou avançando sobre o campo através das matas ao longo dos rios. As formações campestres herbáceo-arbustivas predominam nos terrenos planos, onde também ocorrem áreas úmidas como banhados e campos periodicamente alagados. Em relação às formações florestais, predomina a Floresta Estacional Decidual, que se caracteriza pela perda de mais de 50% das folhas das árvores durante o outono e o inverno.

A Campanha abrange a porção oeste do Bioma Pampa no Brasil, sendo considerada sua área mais característica. A paisagem se caracteriza pela sucessão interminável de coxilhas, pequenas elevações arredondadas e de baixa altitude, cobertas por vegetação campestre. Por trás da aparente uniformidade da paisagem, escondem-se distintos tipos de solos que resultam em composições florísticas diferenciadas. A amplitude da paisagem é interrompida esporadicamente por cerros, com base de arenito e topo de basalto, ou por cadeias de morros como a Serra do Caverá. A Campanha é a região fisiográfica do bioma com a menor porcentagem de cobertura por formações florestais. Entretanto, várias espécies arbóreas são encontradas nas matas ciliares ou capões, ou ainda formando vegetação do tipo parque. Além dos campos, são áreas importantes para a flora os banhados e os campos de várzea na proximidade de rios; e os topos dos cerros, os afloramentos rochosos e os campos em áreas de basalto, os quais guardam espécies xerófilas muito características, sendo algumas endêmicas. Na Campanha estão representadas algumas paisagens singulares, como os palmares de butiá-anão (*Butia laevis* Deble & Marchiori) que ocorrem em conjunto com espécies típicas



Vegetação de transição entre matas de encosta, campos sujos e vegetação rupestre na Serra do Sudeste, em Caçapava do Sul.

dos campos de areia ou areais; e os parques de espinilho, onde são encontrados o espinilho (*Acacia caven* (Molina) Molina) e a cina-cina (*Parkinsonia aculeata* L.).

Parte do território das regiões fisiográficas das Missões e do Planalto Médio estão incluídos no Bioma Pampa, correspondendo à porção noroeste do mesmo. A vegetação original dessas duas regiões é composta por uma alternância de campos, salpicados por capões ou árvores dispostas em formações do tipo parque, e matas de galeria. Nas Missões são encontrados palmares de butiá-da-serra (*Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc.), assim como formações de parque com o pau-ferro (*Astronium balansae* Engl.) ou com a coronilha (*Gleditsia amorphoides* (Griseb.) Taub.). No Planalto Médio, os campos nativos remanescentes são notáveis pela presença do capim-barba-de-bode (*Aristida jubata* (Arechav.) Herter), conferindo um aspecto típico para as paisagens campestres dessa região.

O Bioma Pampa brasileiro apresenta uma diversidade muito grande de paisagens e de flora na pequena superfície que ocupa no território nacional. Saber reconhecer os múltiplos potenciais que a natureza pampeana oferece, valorizando e usufruindo de forma sustentável seus patrimônios naturais, é também uma forma de preservar as tradições e a cultura dos povos que se formaram a partir das interações com este ambiente.

Referências

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil**. Potencialidades paisagísticas. Cutia: Ateliê Editorial, 2005. 159 p.

BILENCA, D. N.; MIÑARRO, F. **Identificación de áreas valiosas de pastizal (AVPs) em las pampas y campos de Argentina, Uruguay y sur de Brasil**. Buenos Aires: Fundación Vida Silvestre Argentina. 2004. 352 p.

BOLDRINI, I. I. Campos do Rio Grande do Sul: caracterização fisionômica e problemática ocupacional. **Boletim do Instituto de Biociências**, Porto Alegre, v. 56. 39 p, 1997.

CABRERA, A. L.; WILLINK, A. **Biogeografia de America Latina**. Washington: Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos. 1980. 122 p.

FORTES, A. B. **Geografia física do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1959. 393 p.

HASENACK, H. **Remanescentes da vegetação dos Campos Sulinos (Pampa)**. Porto Alegre: FAURGS, 2006. 30 p.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Mapa de Biomas do Brasil**. 2004. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/geociencias/default_prod.shtm#USO>. Acesso em: 1 jun. 2009.

OVERBECK, G. E.; MÜLLER, S. C.; FIDELIS, A.; PFADENHAUER, J.; PILLAR, V. D.; BLANCO, C. C.; BOLDRINI, I. I.; BOTH, R.; FORNECK, E. D. Brazil's neglected biome: The South Brazilian Campos. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, Zurique, v. 9, p. 101-116, 2007.

SORIANO, A.; LEON, R. J. C.; SALA, O. E.; LAVADO, R. S.; DEREGIBUS, V. A.; CAHUEPÉ, O.; SCAGLIA, A.; VELAZQUEZ, C. A.; LEMCOFF, J. H. Río de la Plata Grasslands. In: COUPLAND, R. T. **Ecosystems of the world. Natural Grasslands**. Amsterdam: Elsevier, 1992. p. 367-407.

VAZ, A. S. F. 2006. Conceito de bioma e o mapa de biomas do Brasil. In: MARIATH, J. E.; SANTOS, R. P. **Os avanços da botânica no início do século XXI**. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006. p. 301-305.



Moirão de cerca adornado naturalmente por *Lantana fucata*, espécie ornamental nativa com uso consolidado.

Gustavo Heiden
João Ricardo Vieira Iganci

Valorizando a flora nativa

Para conservar a biodiversidade do Bioma Pampa é necessário conhecê-la, divulgá-la e também atribuir a ela valores econômicos ou culturais, que visem sensibilizar a população para a sua preservação.

A riqueza dos campos do sul do Brasil, em termos de flora e fauna, e sua importância na preservação do ambiente contradizem a pouca importância dada a esse ecossistema, que já constituiu a base econômica da região através da pecuária, atividade que, quando manejada adequadamente em campo nativo, é considerada uma forma de manter a paisagem original, conservando a biodiversidade (BOLDRINI, 1997; NABINGER, 2006). Entretanto, o

limiar entre uso sustentável e degradação nas atividades pastoris parece tênue (PILLAR et al., 2006).

A presença de muitas espécies nativas com valor forrageiro é indiscutível e muito bem documentada na literatura científica. Outras frentes de pesquisa também reconhecem o potencial medicinal e farmacológico de plantas nativas. No entanto, além desses valores, também devem ser reconhecidos usos ornamentais para a flora do Bioma Pampa, que naturalmente agrega atributos estéticos à paisagem, moldando e diversificando os amplos horizontes da região e a cultura do gaúcho.

A preocupação com a conservação e o conhecimento da biodiversidade busca nos biomas um recorte regional de estudo e planejamento, por meio de políticas que visam à conservação e à utilização sustentável da diversidade biológica (COLLARES, 2006). No Bioma Pampa 105 áreas foram indicadas para ações prioritárias de conservação, uso sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade (BRASIL, 2008), enquanto que 13 locais foram considerados áreas-chave para a conservação da biodiversidade de plantas raras (KASECKER et al., 2009). Tais dados demonstram a importância que o bioma possui por apresentar paisagens singulares, possibilidade de exploração sustentável da biodiversidade e presença de espécies raras.

Grande parte das plantas ornamentais utilizadas nos mais diversos locais do mundo não é nativa das regiões onde são cultivadas, o que pode trazer consequências negativas, tanto aos ambientes naturais quanto aos ambientes agrícolas. No Bioma Pampa algumas plantas exóticas introduzidas como ornamentais, ou com outras finalidades, ou ainda de forma não-intencional, já se tornaram exóticas invasoras e hoje são agentes de substituição da flora nativa, como o asparguinho (*Asparagus setaceus* (Kunth). J.P.Jessop.), o capim-anoni (*Eragrostis plana* Ness), a madressilva (*Lonicera japonica* Thunb.), o cafezinho (*Pittosporum undulatum* Vent.) e o tojo (*Ulex europaeus* L.).

A substituição de plantas ornamentais exóticas por espécies nativas com potencial ornamental é uma tendência na floricultura e reduz o risco de novas invasões da paisagem natural. Plantas nativas desempenham importante papel

no paisagismo, com destaque para a menor necessidade de manutenção, a valorização da identidade regional, a preservação da diversidade biológica e o oferecimento de ambientes para a fauna (HEIDEN et al., 2006). Além disso, quando aplicadas na arte floral, também conferem uma identidade local aos produtos oferecidos.

Plantas nativas são aquelas que ocorrem naturalmente em uma região, que não foram introduzidas pelo ser humano e nem necessitam diretamente dele para subsistirem. Alguns exemplos de plantas nativas no Bioma Pampa e que já são cultivadas na região são o capim-dos-pampas (*Cortaderia selloana* (Schult. & Schult. f.) Asch. & Graebn.), a cidreira-brava (*Lantana fucata* Lindl.) e a catléia (*Cattleya intermedia* Graham). Predominam na flora nativa do Bioma Pampa as espécies tipicamente pampeanas, além de outras relacionadas com vegetações de regiões próximas como a Mata Atlântica, da costa brasileira, e o Chaco, do centro-sul da América do Sul. Dentre as espécies caracteristicamente pampeanas¹, citadas no presente trabalho, destacam-se *Baccharis hyemalis* Deble, *Ephedra tweediana* Fisch & C.A.Mey., *Kelissa brasiliensis* (Baker) Ravenna, *Regnellidium diphyllum* Lindm. e *Tibouchina asperior* Cogn. Muitas espécies típicas da Mata Atlântica² também encontram naturalmente condições favoráveis para o seu estabelecimento no Bioma Pampa, principalmente em capões de mata ao longo do litoral e em áreas mais ao norte. São exemplos dessas espécies *Brasiliorchis porphyrostele* (Rchb. f.) R.Singer et al., *Bromelia antiacantha* Bertol., *Coccocypselum lanceolatum* (Ruiz & Pav.) Pers., *Myrsine umbellata* Mart. e *Ruellia angustiflora* (Ness) Lindau ex Rambo. Já as espécies chaquenhass³ ocorrem geralmente em afloramentos rochosos e solos rasos ou arenosos, dentre as quais se destacam como ornamentais, *Colletia paradoxa* (Spreng.) Escal., *Jodina rhombifolia* (Hook. & Arn.) Reissek, *Schinus lentiscifolius* Marchand e *Scutia buxifolia* Reissek.

Algumas espécies que existem naturalmente no Bioma Pampa possuem ocorrência ampla em outros biomas do Brasil, em outros países da Améri-

1 Elemento pampeano, espécies que ocorrem principalmente em ambientes campestres do Pampa.

2 Elemento atlântico, espécies que ocorrem principalmente em ambientes florestais da Mata Atlântica.

3 Elemento chaquenho, espécies que ocorrem principalmente em ambientes de savana do Chaco.

ca ou até mesmo em outros continentes. Dentre essas estão *Bidens laevis* (L.) Britton et al. e *Crinum americanum* L., que ocorrem nas Américas em áreas úmidas desde o sudeste dos Estados Unidos, passando pelos banhados sul-rio-grandenses, até alcançar o Uruguai; *Hibiscus diversifolius* Jacq., que habita regiões costeiras da América do Sul, da África e da Oceania; e *Nymphoides indica* (L.) Kuntze, que ocorre em corpos de água estagnada ao redor do mundo.

Diversas plantas nativas, para as quais muitas vezes não é atribuída importância econômica imediata pela população local, são frequentemente denominadas invasoras ou inços. Entretanto, elas fazem parte da paisagem natural do Bioma Pampa e participam da vegetação clímax dos campos ou de estágios de sucessão ecológica na regeneração de áreas alteradas, fornecendo abrigo ou alimento para outras espécies. Estas plantas poderiam, no máximo, ser consideradas indesejáveis em cultivos agrícolas, pela competição por nutrientes e espaço, ou em pastagens, por não oferecerem alimento ao gado. Contudo, não é por isso que deixam de ser plantas nativas no Bioma Pampa. Dentre essas plantas estão *Aspilia montevidensis* (Spreng.) Kuntze, *Cordia curassavica* (Jacq.) Roem. & Schult., *Stenachaenium megapotamicum* Baker e espécies dos gêneros *Baccharis* e *Eryngium*, que apesar de pouco exploradas economicamente, têm aplicação na medicina popular e são importantes fontes de pólen e néctar. Outras espécies nativas, como *Campuloclinium macrocephalum* (Less.) DC., *Opuntia monacantha* Haw. e *Sesbania punicea* (Cav.) Benth., foram levadas intencionalmente ou de forma não intencional para outros países e se tornaram espécies invasoras naqueles locais. Entretanto, continuam sendo espécies nativas no Bioma Pampa, onde convivem em harmonia com a flora e a fauna locais.

A diversidade de cores e formas nas plantas do Bioma Pampa é o resultado da interação de fatores como a posição geográfica do bioma em uma área de transição florística; da diversidade de ambientes e microclimas com paisagens diferenciadas, desde o Litoral até a Campanha, além da complexidade da história geológica e dos diferentes tipos de solos da metade sul do Rio Grande do Sul. Todos estes fatores contribuem para a existência de um mosaico de ecossistemas. Para ocupar essa amplitude de variações, a vegetação nativa

apresenta adaptações morfológicas e fisiológicas que fazem da flora local um leque de possibilidades para a aplicação no paisagismo e na arte floral. Plantas de sombra ou de sol, para grandes áreas ou para pequenos vasos, terrestres ou aquáticas, anuais ou perenes, com longo período de florescimento ou fugazes, dotadas de uma beleza clássica ou singular, enfim, plantas que atendem aos mais variados nichos de mercado estão presentes, aguardando pesquisas de propagação e viabilidade econômica.

No entanto, a diversidade de ambientes que propicia a existência de diferentes tipos de vegetação, com plantas adaptadas para cada uma das formações, também torna esses locais frágeis a perturbações. A grande especificidade apresentada por algumas espécies as faz dependentes do microhabitat onde vivem. A remoção da vegetação nativa, a uniformização das paisagens naturais pelas monoculturas, bem como outras alterações nos ciclos ecológicos causadas pelo homem, além da coleta indiscriminada de plantas nativas em ecossistemas naturais, trazem consequências negativas que levam à redução das populações ou até mesmo à extinção de algumas espécies.

Por outro lado, a inserção de uma espécie em cultivo é uma forma de conservação *ex situ* (fora do seu habitat natural) e ajuda a despertar interesse na sua preservação à medida que aumenta sua visibilidade e importância econômica. Para ilustrar, podem ser citadas as cactáceas dos gêneros *Frailea* e *Parodia*, nativas no Bioma Pampa e que são amplamente cultivadas e comercializadas em todo o mundo. Estes cactos são perfeitamente adaptados aos afloramentos rochosos, onde poucas espécies conseguem sobreviver, mas não suportam pressões como pisoteio pelo gado, fogo ou coleta indiscriminada de espécimes para comercialização. Se, por um lado, o extrativismo, o comércio ilegal e a biopirataria contribuem para a extinção dessas espécies em seus ambientes, por outro, o cultivo das mesmas em bancos de germoplasma e jardins botânicos ainda não permitiu uma completa extinção. Talvez, um dia, essas coleções sirvam como fonte de material para a recomposição das populações naturais extintas ou em vias de extinção, garantindo a perpetuação dessas espécies em seus ambientes naturais.



Aechmea recurvata em Floresta Estacional Semidecidual em área de preservação permanente, na Embrapa Clima Temperado, em Pelotas.

Referências

BOLDRINI, I. I. Campos do Rio Grande do Sul: caracterização fisionômica e problemática ocupacional. **Boletim do Instituto de Biociências**, Porto Alegre, v. 56, 39 p, 1997.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Áreas prioritárias para a conservação, usos sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira**. 2 ed. Brasília, DF: MMA - Secretária de Biodiversidade e Florestas, 2008. v. 1, 328 p.

COLLARES, J. E. R. 2006. Mapa de biomas do Brasil. In: MARIATH, J. E.; SANTOS, R. P. **Os avanços da botânica no início do século XXI**. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006. p.306-309.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T. Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 2-7, 2006.

KASENECKER, T. P.; SILVA, J. M. C.; RAPINI, A.; RAMOS-NETO, M. B.; ANDRADE, M. J. G.; GIULIETTI, A. M.; QUEIROZ, L. P. Áreas-chave para espécies raras de fanerógamas. In: GIULIETTI, A. M.; RAPINI, A.; ANDRADE, M. J. G.; QUEIROZ, L. P.; SILVA, J. M. C. **Plantas raras do Brasil**. Belo Horizonte: Conservação Internacional, 2009. p. 433-471.

NABINGER, C. Manejo, uma estratégia para a conservação dos campos. In: MARIATH, J. E.; SANTOS, R. P. **Os avanços da botânica no início do século XXI**. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006. p. 325-330.

PILLAR, V.C.; BOLDRINI, I.I.; HASENACK, H.; BOTH, R.; MÜLLER, S.C.; EGGER, L.; FIDELIS, A.; SANTOS, M.M.G.; OLIVEIRA, J.M.; CERVEIRA, J.; BLANCO, C.; JONER, F.; CORDEIRO, J.L.P.; GALINDO, M.P. **Estado atual e desafios para a conservação dos campos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006. 24 p. Disponível em: <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Reprints&Manuscripts/Estado_Atual_e_Desafios_Conservacao_Campos_Workshop.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2009.



Eriocaulon magnificum, espécie nativa no Bioma Pampa, em cultivo.

Elisabeth Regina Tempel Stumpf
Gustavo Heiden
João Ricardo Vieira Iganci
Rosa Lía Barbieri

Reconhecendo plantas nativas com características ornamentais

A percepção de atributos estéticos é ditada por sentimentos subjetivos e pessoais, o que torna complexa a tarefa de classificar uma planta como ornamental. Além disso, é compreensível que a beleza de uma planta não seja o requisito único para fazer dela uma espécie comercialmente viável. É preciso reconhecer também características capazes de satisfazer o mercado como um todo, atendendo às expectativas desde o produtor até o consumidor final.

O Bioma Pampa está historicamente relacionado à criação extensiva de gado, geralmente aproveitando os recursos

naturais disponíveis. No entanto, considerar que nesse Bioma existam apenas plantas de interesse forrageiro ou sem expressão ornamental, é desconhecer a diversidade da flora abrigada em seus campos, banhados e matas.

Com a finalidade de localizar plantas nativas do Bioma Pampa com atributos estéticos adequados ao uso ornamental e que atendessem às exigências das distintas áreas de aplicação, foram feitas expedições de prospecção em diferentes estações do ano para a observação das espécies em campo. Ao longo dessas expedições foi realizada documentação fotográfica e foram observados os habitats, as preferências ecológicas e as fases fenológicas. A identificação taxonômica foi realizada com o auxílio de bibliografia específica como Floras regionais e revisões taxonômicas, além de consultas a herbários e especialistas. Após a identificação, alguns dados ecológicos e descrições morfológicas e fenológicas foram complementados a partir do exame de exsiccatas em herbários.

Para compor a obra foram escolhidas 100 espécies, com base em suas características peculiares. A descrição do hábito das espécies foi baseada nas definições do Manual Técnico da Vegetação Brasileira (IBGE, 1992). As plantas foram avaliadas segundo metodologias propostas por Stumpf et al. (2007, 2009) para definição do potencial de uso em paisagismo ou na arte floral. As espécies indicadas para paisagismo deveriam apresentar características destacadas de forma, hábito, textura, coloração e/ou aroma. As plantas desta categoria foram indicadas para o cultivo em jardins (formação de maciços, cercas vivas, bordaduras, forrações ou para uso isolado), em vasos (em recipientes de diferentes volumes) ou ambos. Para plantas com possibilidade de uso na arte floral, foi exigida uma adequada durabilidade após o corte, além de características de coloração, dimensão, forma e textura, que definem os princípios da composição floral. Fazem parte desta categoria as flores e as folhagens de corte. Além da avaliação quanto à adequação aos usos propostos, outro critério adotado foi priorizar espécies nativas que são cultivadas em escala reduzida ou que são cultivadas para outros fins que não são ornamentais, e ainda aquelas que sequer são cultivadas na área de abrangência do Bioma Pampa no Brasil.

No próximo capítulo, as espécies são apresentadas em ordem alfabética seguindo a hierarquia de famílias e gêneros. A circunscrição das famílias foi baseada em APG II (STEVENS, 2009). Para as leguminosas, foram seguidos Lewis et al. (2005), que recomendam o nome Leguminosae ao invés de Fabaceae, que tem sido usado de forma ambígua, ora para designar a família como um todo, ora para referir-se somente a uma das subfamílias.

A categoria de ameaça de todas as espécies apresentadas foi conferida na Lista Final das Espécies da Flora Ameaçadas - RS (Decreto Estadual 42.099, publicado em 01.01.2003).



Uso de *Schinus lentiscifolius*, espécie nativa no Bioma Pampa, em arranjo com rosas.

Referências

IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. 92 p.

LEWIS G.P.; SCHRIRE B.D.; MACKINDER B.A.; LOCK, M. (Ed.). **Legumes of the world**. Kew: Royal Botanic Garden, 2005. 592 p.

STEVENS, P. F. **Angiosperm phylogeny**. Disponível em: <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

STUMPF, E. R. T.; HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; FISCHER, S. Z.; NEITZKE, R. S.; Zanchet, B. ; GROLLI, P. R. . Método para avaliação da potencialidade ornamental de flores e folhagens de corte nativas e não convencionais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 13, p. 143-148, 2007.

STUMPF, E. R. T. ; ROMANO, C. M.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. ; FISCHER, S. Z ; CORRÊA, L. B.. Características ornamentais de plantas do Bioma Pampa. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 15, p. 49-62, 2009.



Plantas ornamentais nativas em remanescente de campo do Bioma Pampa em São Lourenço do Sul.

Gustavo Heiden
Elisabeth Regina Tempel Stumpf
João Ricardo Vieira Iganci
Lauís Brisolara Corrêa
Tângela Denise Perleberg
Cátia Maria Romano
Rosa Lía Barbieri

Plantas ornamentais nativas

O capítulo apresenta 100 plantas nativas no Bioma Pampa brasileiro com características estéticas que as qualificam como ornamentais para o uso no paisagismo e/ou na arte floral.

É importante salientar que essa lista não deve ser tomada como um incentivo à coleta de plantas nativas em ambientes naturais, mas sim como um meio de divulgar e valorizar a flora nativa, servindo também como um subsídio para pesquisas que possibilitem sua inserção no mercado da floricultura.

Ruellia angustiflora (Nees) Lindau ex Rambo

A flor-de-fogo é um subarbusto ereto ou escandente encontrado em vegetação de restinga, bordas de matas e margens de cursos d'água.

A planta pode alcançar até 2 m de altura. Os ramos são verdes, quadrangulares e eretos. As folhas são verdes, simples e opostas. Produz inflorescências axilares que portam inúmeras flores vermelhas, tubulares, com cerca de 5 cm de comprimento. Floresce o ano todo.

O hábito, o longo período de floração, a abundância e a coloração das flores conferem características próprias para a formação de maciços.



***Crinum americanum* L.**

O lírio-do-banhado é uma erva bulbosa com ocorrência em banhados e margens de lagos e rios.

A planta mede entre 30 e 60 cm de altura. As folhas são verde-claras, lustrosas, grandes e lanceoladas. Na época de floração, entre setembro e junho, as inflorescências atingem entre 60 e 90 cm de altura, e portam em média seis flores aromáticas, com tépalas brancas e estames e estiletes brancos na base tornando-se púrpura da porção mediana em direção aos ápices.

O crescimento adensado, a folhagem perene e a floração atraente indicam o uso para a formação de maciços e bordaduras de estatura mediana, especialmente em terrenos alagadiços e na beira de corpos d'água.



Schinus lentiscifolius Marchand



A aroeira-cinzenta é um arbusto encontrado nos campos com afloramentos rochosos.

A planta pode atingir cerca de 3 m de altura. Os ramos são acinzentados e aveludados, apresentando folhas de coloração cinza, compostas, imparipinadas e com folíolos oblongos. As flores são pequenas, esbranquiçadas e reunidas em inflorescências axilares e apicais. Os frutos são arredondados e de coloração vermelha. A floração e frutificação ocorrem de outubro a abril.

Pode ser empregada para a formação de agrupamentos ou cercas vivas, proporcionando contraste com as demais plantas em um jardim, ou ainda isoladamente, como foco de atenção em uma composição, devido a seu porte, arquitetura irregular e plasticidade. A durabilidade após o corte, a coloração, a forma e o aroma dos ramos e folhas apresentam aspecto inusitado e original para uso como complemento floral.



Schinus weinmannifolius Engl.



A aroeirinha é um subarbusto encontrado em campos secos e rochosos.

A planta atinge aproximadamente 0,5 m de altura. As folhas são compostas, imparipinadas, com raque alada e folíolos opostos, verdes, dentados e com margens e nervuras amareladas. As flores são pequenas, esbranquiçadas e reunidas em inflorescências axilares e apicais. Os frutos são de coloração carmim, arredondados e achatados nas extremidades. A floração e frutificação ocorrem de outubro a abril.

O hábito, o contraste entre a coloração das folhas, nervuras e margens, e também entre a folhagem e os frutos, sugerem o cultivo em vasos ou em canteiros. Quando cultivada em vasos, a arquitetura da planta remete a um bonsai natural. Em canteiros pode ser empregada como bordadura, em maciços, em conjunto com outras espécies ou como planta de destaque, especialmente em jardins rochosos.



Eryngium ebracteatum Lam.



O gravatazinhos-bordô é uma erva rosetada, freqüente em campos úmidos e banhados.

As longas inflorescências, com até 2 m de altura, são verde-claras, lisas, firmes e com numerosas ramificações. Apresenta flores de coloração bordô, que surgem a partir de novembro até janeiro.

Tanto frescas como desidratadas, as hastes podem conferir delicadeza às composições florais. Quando cultivado em maciços proporciona aspecto singular devido à leveza e transparência das inflorescências.



Eryngium eburneum

Decne



O caraguatá-marfim é uma erva rosetada, comum em campos úmidos e beira de rios.

As folhas são verdes, lineares e providas de espinhos nas margens. Apresenta capítulos de coloração marfim, globosos, agrupados em inflorescências terminais, sustentadas em hastes rijas com, em média, 1,5 m de altura. Floresce entre os meses de fevereiro e junho.

No cultivo em canteiros, isoladamente ou em conjuntos, surpreende pela arquitetura da planta e, na época do florescimento, pelo porte das inflorescências. Após o florescimento, é recomendado o corte das hastes florais como forma de estimular o perfilhamento.



Eryngium eriophorum Cham.& Schtdl.



A azulzinha é uma erva que ocorre em campos rochosos.

Tem inflorescências verde-claras, firmes, com comprimento médio de 50 cm e pouco ramificadas. Os capítulos terminais são globosos e portam flores azul-violáceas aromáticas, encontradas entre fevereiro e junho.

Pela coloração, aroma e forma diferenciada das inflorescências, pode ser usada fresca ou desidratada, como complemento ou como elemento principal de arranjos florais. Em jardins, proporciona cor e suave aroma, sendo adequada para ambientes rochosos.



Eryngium pandanifolium Cham. & Schltdl.



O gravatá-do-banhado é uma erva rosetada que ocorre em campos úmidos e margens de banhados e rios.

As folhas são verde-acinzentadas, lineares, eretas e providas de espinhos nas margens, alcançando cerca de 1,5 m de comprimento. Apresenta flores em capítulos globosos de coloração verde-claro, azul ou marrom, em inflorescências que alcançam até 3 m de altura. Floresce entre os meses de dezembro e março.

Pela arquitetura da planta e porte das inflorescências, pode ser cultivado como planta de destaque ou formando conjuntos em locais pouco drenados. As folhas rígidas e espinhentas propiciam o uso como planta guardiã, formando cercas vivas de proteção. Após o florescimento, é recomendado o corte das inflorescências como forma de estimular o perfilhamento.



Eryngium pristis Cham & Schtdl.

O gravatá-mimoso é uma erva rosetada encontrada em afloramentos rochosos.

Possui numerosas folhas verde-claras, lineares e dispostas em espiral, com espinhos longos e delicados nas margens. As flores se encontram em capítulos branco-esverdeados, que surgem de dezembro a março em inflorescências que podem alcançar até 0,5 m de altura.

Em jardins rochosos ou em vasos a pleno sol, proporciona diferencial e movimento às composições. Na época de floração, a coloração e o comprimento das hastes florais agregam leveza e luminosidade. Após o florescimento, o corte das hastes florais é recomendado como forma de estimular o perfilhamento.



Eryngium sanguisorba Cham.& Schltdl.

O cardo-bordô é uma erva de campos limpos ou rochosos.

Possui hastes verde-claras, lisas, firmes e ramificadas, com comprimento médio de 1,2 m. As inflorescências globulares com flores de coloração bordô são encontradas de novembro até março.

As hastes, frescas ou desidratadas, podem ser empregadas em composições florais lineares, bem representadas em arranjos do tipo ikebana, onde são mais valorizadas as linhas e formas simples. As inflorescências podem colaborar para imprimir leveza, movimento e diferencial aos jardins.



Macrosiphonia longiflora (Desf.) Müll.Arg.

O velame-do-campo é um subarbus-
to perene que cresce em campos.

Apresenta ramos e face inferior das
folhas e nervuras acinzentados e
pilosos, sendo que a face superior
das folhas é verde. As inflorescên-
cias, que atingem até 35 cm de com-
primento, portam até quatro flores
aromáticas brancas e com centro
amarelo, que surgem entre setem-
bro e dezembro. As flores abrem-se
ao entardecer, fechando na manhã
seguinte.

A coloração e o tamanho das flores,
com abertura ao entardecer, adicio-
nam às composições paisagísticas
um belo efeito quando cultivada em
canteiros ou vasos em áreas externas.



Macrosiphonia pinifolia (A.St.Hil.) Miers



O velame-rasteiro-do-campo ocorre nos campos.

Apresenta hábito rastejante, ramos e face inferior das folhas pilosos e acinzentados, sendo que a face superior das folhas é pilosa e verde. As flores são aromáticas, solitárias e terminais, de cor branca com centro amarelo, que se abrem ao entardecer, fechando na manhã seguinte. Floresce entre setembro e março.

O porte possibilita o cultivo em canteiros ou em vasos e floreiras. A coloração das flores vistosas, presentes durante a noite, adiciona às composições paisagísticas um belo efeito em áreas externas.



Mandevilla coccinea (Hook. & Arn.) Woodson



A jalapa-escarlata é uma erva de campos com solos rasos ou pedregosos.

A planta possui 30 cm de altura e as folhas são sésseis, opostas e cruzadas. As inflorescências, com pedúnculo vináceo, apresentam entre 10 e 18 flores escarlates, extremamente vistosas, com tubo medindo entre 2 e 2,5 cm de comprimento, que surgem de novembro a fevereiro.

A quantidade e a coloração intensa das flores são atributos positivos para o uso em jardins, por conferir forte contraste em meio à vegetação. É indicada para o cultivo em jardins rochosos, canteiros ou floreiras, tanto isoladamente como associada com outras espécies.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria vulnerável (VU).



Aspilia montevidensis (Spreng.) Kuntze



O bem-me-quer-do-campo é uma erva comum em campos secos, afloramentos rochosos e em beiras de estradas.

Possui folhas verde-escuras estreitamente elípticas a lineares. Os capítulos vistosos apresentam entre 5 e 8 cm de diâmetro, com flores amarelas, aromáticas e melíferas que surgem durante o ano todo.

Por ser uma erva rasteira e rústica, com inflorescências vistosas e longo período de floração, é indicada para uso em jardins, como forração em canteiros ou para o cultivo em vasos e floreiras a pleno sol.



Baccharis aliena (Spreng.) Joch.Müll.

O alecrim-do-campo é um arbusto com ocorrência em campos arenosos ou com solos rochosos.

A planta atinge altura média de 2 m. As folhas são lineares e os capítulos estão dispostos em corimbos terminais. Na época de floração, entre outubro e março, as plantas femininas apresentam flores amarelas em capítulos globosos, enquanto que nas hermafroditas os capítulos, também amarelos, são campanulados.

A durabilidade após o corte e a aparência das folhas e flores são características ornamentais que apontam para o uso dos ramos como complemento de arranjos florais. É apropriada para compor o estrato arbustivo, especialmente em jardins rochosos.



Baccharis articulata (Lam.) Pers.



A carquejinha é um arbusto que ocorre em campos com solos rasos ou pedregosos.

Apresenta altura média de 1,5 m e ramos verde-acinzentados caracteristicamente sem folhas e bialados. Floresce de julho a outubro, produzindo flores em capítulos de coloração creme, aromáticos e que atraem vários polinizadores.

Durabilidade após o corte, formato e coloração dos ramos são os principais atributos para o uso como complemento floral, tanto na fase vegetativa quanto fértil. Pode ser utilizada para a formação de maciços, compondo estratos intermediários das composições.



Baccharis hyemalis Deble

O alecrim-das-pedras é um subarbusto restrito aos afloramentos rochosos.

Com altura entre 0,5 e 1 m, apresenta folhas alternas, lineares e sésseis, e capítulos amarelos em corimbos terminais. Na época de floração, entre maio e janeiro, as plantas femininas apresentam flores amarelas em capítulos globosos, enquanto que nas hermafroditas os capítulos, também amarelos, são campanulados.

O hábito, a arquitetura equilibrada, o aspecto das folhas e a coloração viva dos capítulos são características ornamentais que evidenciam a possibilidade de uso em canteiros, especialmente em jardins rochosos, e em vasos a pleno sol.



Baccharis junciformis DC.



A carqueja-do-banhado é um subarbusto que ocorre em áreas úmidas e banhados.

O caule é verde e trialado, com comprimento entre 0,5 e 1,5 m e com ápice avermelhado e translúcido. As folhas são verdes, brilhantes, curta-mente pecioladas e perpendiculares ao caule. Os capítulos portam flores de coloração creme, pouco expressivas, que surgem de abril a junho.

A durabilidade após o corte, o formato e o comprimento dos caules, possibilitam o uso como um original complemento de arranjos florais.



Baccharis ochracea Spreng.



A erva-santa é um subarbusto comum em campos limpos e sujos.

É uma planta dióica que pode alcançar até 1,2 m de altura. Os ramos apresentam coloração cinzenta ou ferrugínea e são pilosos. As folhas são cinzentas, lineares e pilosas. Na época da floração, entre novembro e fevereiro, as plantas masculinas produzem capítulos com flores amareladas e as plantas femininas produzem capítulos com flores branco-acinzentadas, ambos pouco vistosos.

O porte e a coloração pouco usual são atributos ornamentais favoráveis ao uso em jardins, especialmente para imprimir contraste às composições. Pode ser cultivada como planta de destaque ou para a formação de maciços.



Baccharis psiadioides (Less.) Joch.Müll.



O alecrim-de-folha-larga é um arbusto que ocorre em campos com solos rochosos.

A planta atinge altura média de 1,5 m. As folhas são oblongas e serradas e os capitulos estão dispostos em corimbos terminais. Na época de floração, entre outubro e dezembro, as plantas femininas apresentam capitulos amarelos globosos, enquanto que nas hermafroditas os capitulos, também amarelos, são campanulados.

A aparência e a durabilidade após o corte dos ramos floridos favorecem o uso em arranjos florais. O hábito arbustivo e a floração abundante possibilitam também o emprego em canteiros externos, na formação de maciços ou cercas vivas de estatura mediana.



Bidens laevis (L.) Britton et al.



A margarida-amarela é uma erva que ocorre em baixadas úmidas e em margens de lagoas, banhados e córregos.

É uma planta que atinge em média 0,5 m de altura e apresenta caule de coloração castanha. As folhas são verdes, brilhantes, opostas, lanceoladas, estreitamente soldadas na base e com margens serradas. Os capítulos são terminais e podem medir até 5 cm de diâmetro. As flores são de coloração amarelo intenso, sendo que as centrais são tubulosas e as marginais são liguladas. A floração e frutificação ocorrem entre dezembro e junho.

O porte, a aparência das folhas e, principalmente, os capítulos vistosos conferem o potencial ornamental. Pode ser cultivada em canteiros, formando maciços ou bordaduras, especialmente nas margens de lagos e córregos e em áreas pouco drenadas. Adicionalmente, atrai diversos polinizadores, especialmente borboletas.



Campuloclinium macrocephalum (Less.) DC.



A erva-pompom é um subarbusto comum em formações campestres e vegetação secundária.

É uma planta vivaz que pode atingir 1,3 m de altura. As folhas são verdes, pilosas, ovaladas a oblongas e apresentam margem crenada. O pedúnculo é de cor vinho e porta entre seis e 18 capítulos globosos, com brácteas involucrais de cor vinho e flores com corola e estiletes longos e vistosos de coloração lilás. Floresce entre dezembro e junho. Após o florescimento, a parte aérea fenece, voltando a brotar no início da primavera.

A durabilidade após o corte, o comprimento e coloração das hastes, e os capítulos vistosos são atributos que possibilitam a aplicação na arte floral. Nos jardins, deve ser cultivada em conjunto com outras espécies, surpreendendo, ao rebrotar, pela beleza e colorido das hastes e inflorescências.



Dasyphyllum spinescens (Less.) Cabrera



O sucará-de-espinho é uma árvore que ocorre em bordas de mata de restinga, capões, matas ciliares e mata de encosta.

A planta pode alcançar até 10 m de altura. A copa é arredondada, o caule é pardo-claro e os ramos são apoiantes ou escandentes, com espinhos que medem entre 3 e 5 cm de comprimento. As folhas são verdes e apresentam espinho no ápice. Durante a floração, entre dezembro e junho, produz capítulos vistosos com flores de coloração creme.

O hábito e a floração favorecem o uso no ajardinamento de grandes áreas, sendo que a presença de espinhos possibilita o cultivo como planta guardiã, formando cercas vivas de proteção.



Lucilia acutifolia (Poir.) Cass.



A lucília é um subarbusto encontrado em campos com solos pedregosos ou arenosos.

A planta atinge em média 30 cm de altura. Os ramos são pilosos e cinzentos e as folhas são alternas, branco-acinzentadas e lineares. Os capítulos são terminais, cilíndricos e afunilados em direção ao ápice e portam brácteas involucrais e flores de coloração castanho claro, que surgem entre outubro e abril.

O porte, os ramos, a forma das inflorescências e o contraste proporcionado pelas cores dos ramos e capítulos são características que justificam o cultivo como planta ornamental. É indicada para o plantio em canteiros, na formação de bordaduras ou maciços, isoladamente ou em conjuntos mistos, imprimindo diferencial e luminosidade às composições.



Mutisia campanulata Less.



A mutisia-escarlata é uma trepadeira de borda de capões e matas de encosta.

O caule é alado e as folhas são compostas, com o folíolo terminal modificado em gavinha. Os capítulos medem em torno de 7 cm de comprimento e apresentam brácteas involucrais de coloração verde na base e vinho no ápice. As flores do centro são de coloração laranja e as flores marginais apresentam coloração vermelho-vivo com base alaranjada. As anteras são marrom-escuras com estiletes alaranjados e estigma laranja-escuro. A floração ocorre entre setembro e maio.

O hábito trepador e os capítulos vistosos, com marcante contraste de cores entre as peças florais, são os principais atributos ornamentais. É indicada para o plantio em cercas e pergolados ou em canteiros, associada a espécies que sirvam de suporte, tendo como diferencial a atração de beija-flores que atuam na polinização.



Mutisia speciosa Aiton ex Hook.



A mutisia-rosa é uma trepadeira de borda de capões e de matas de restinga e de encosta.

O caule é anguloso e as folhas são compostas com o folíolo terminal modificado em gavinha. Os capítulos medem em torno de 7 cm de comprimento e apresentam brácteas involucrais verde-claras na base e púrpura-escuro no ápice. As flores do centro apresentam coloração creme e as flores marginais são róseas. As anteras são marrom-escuras com estiletes verdes e estigma bordô. A floração ocorre entre setembro e março.

O hábito trepador e os capítulos vistosos, com significativo contraste de cores entre as peças florais, são os principais atributos ornamentais. É indicada para o plantio em cercas e pergolados ou em canteiros, associada a espécies que sirvam de suporte, tendo como diferencial a atração de beija-flores que atuam na polinização.



Noticastrum malmei Zardini

A estrela-do-sul é um subarbusto que ocorre em campos pedregosos e campos arenosos de restinga.

A planta pode alcançar cerca de 40 cm de altura. As folhas são verdes e pilosas, dispostas em rosetas basais. Os capítulos apresentam flores marginais liguladas e brancas com cerca de 1,3 cm de comprimento e flores centrais tubulosas e amarelas. A floração ocorre entre dezembro e maio.

O hábito e a coloração dos ramos e flores são características apropriadas para a composição de maciços ou bordaduras de canteiros, e também para o cultivo em vasos, como espécie única ou em conjunto com outras plantas.



Senecio bonariensis

Hook. & Arn.



A margarida-do-banhado é uma erva rizomatosa comum em banhados e margens de lagos e rios.

As folhas são de coloração verde-clara, grandes e lustrosas. Os escapos florais atingem entre 1 e 2 m de altura, e portam inúmeros capítulos com flores aromáticas. As flores do centro são amarelas e tubulosas e as marginais são brancas e liguladas. A floração ocorre entre setembro e dezembro.

No período de floração modifica a paisagem surpreendendo pela beleza e altura que as inflorescências atingem, passando a agregar leveza e luminosidade às composições. É indicada para o cultivo em jardins com fontes de água ou localizados em terrenos alagadiços. Pode ser cultivada tanto isoladamente quanto formando vistosos conjuntos.



Solidago chilensis Meyen

A lanceta é um subarbusto comum em formações campestres e vegetação secundária.

A planta atinge cerca de 1 m de altura. O caule é verde claro e as folhas são alternas, espiraladas, verdes e linear-lanceoladas. Os capítulos com brácteas involucrias verdes e flores amarelas estão dispostos em inflorescências terminais com formato piramidal que surgem entre março e junho.

A rusticidade, o comprimento das hastes e as inflorescências vistosas são atributos que possibilitam o uso na arte floral em substituição ao tango (*Solidago canadensis* L.), oriundo da América do Norte. É indicado para o cultivo em canteiros, formando maciços que se destacam pelas inflorescências vistosas. Como se trata de uma planta anual, pode ser utilizada para conferir sazonalidade aos jardins.



Stenachaenium megapotamicum Baker

O estenaquênio é um subarbusto com ocorrência em formações campestres e vegetação secundária.

O caule é cinzento com alas verdes em uma face e verde-acinzentadas na outra. As folhas são verdes na face superior e verde-cinzentas na face inferior e apresentam disposição alterna espiralada. As inflorescências podem atingir até 1,8 m de altura e são cobertas por tricomas cinza-claros. Os capítulos são urceolados e apresentam brácteas involucrais verde-acinzentadas. As flores são pouco perceptíveis, apresentam pápus e corola rosados e estames com anteras amarelas. Floresce entre setembro e maio e, após a fecundação, os capítulos frutificam e adquirem tonalidade dourada a dourado-escuro, assim como os frutos.

O aspecto singular dos capítulos, em plena floração ou mesmo após a frutificação, podem conferir diferencial em composições florais, se utilizados tanto frescos quanto desidratados.



Viguiera anchusaefolia (DC.) Baker



A viguiêra é um subarbusto com ocorrência em campos pedregosos.

A planta atinge entre 0,5 e 2,5 m de altura e o caule possui coloração castanha. As folhas são verde-escuras e lanceoladas ou ovaladas. Os capítulos se distribuem no ápice dos ramos, apresentam flores amarelas, sendo as do centro tubulosas e as marginais liguladas. O florescimento ocorre entre novembro e abril. Após a fertilização, as flores marginais caem e o capítulo adquire um aspecto globoso, mantendo a coloração amarela até a formação dos frutos.

O hábito, a coloração das folhas e os capítulos vistosos são características que evidenciam o potencial de uso como planta de destaque ou formando maciços, como espécie única ou em composições mistas, especialmente em jardins rochosos.



Berberis laurina Thunb.

O são-joão é um arbusto que ocorre em bordas de mata, isolado em meio à vegetação campestre ou em afloramentos rochosos.

A planta pode atingir até 3 m de altura. Os ramos são cinzentos e apresentam espinhos com mais de 1 cm de comprimento. As folhas são verdes e coriáceas. As flores apresentam coloração creme e estão dispostas em cachos pendentes, com até 10 cm de comprimento. Os frutos assumem coloração púrpura quando maduros e são oblongos, com cerca de 6 mm de comprimento e 4 mm de largura. A floração e a frutificação ocorrem entre agosto e dezembro.

A arquitetura da planta, o contraste entre a cor dos ramos e das folhas, a floração e a frutificação, são aspectos que a qualificam como ornamental. É adequada para o cultivo em vasos ou como planta de destaque em composições paisagísticas. A presença de espinhos possibilita ainda o uso como planta guardiã, para a formação de cercas vivas de proteção.



Aechmea recurvata

(Klotzch) L.B.Sm.



O cravo-do-mato é uma erva que ocorre sobre troncos de árvores ou em afloramentos rochosos.

A planta atinge até 30 cm de altura. As folhas são verde-claras, rígidas, rosetadas, recurvadas no ápice e com espinhos nas margens. As inflorescências apresentam brácteas vermelhas e flores cor-de-rosa. Os frutos apresentam coloração roxo-escuro. Floresce e frutifica de novembro a maio.

A forma da planta, o contraste entre a coloração das folhas, brácteas, flores e frutos, além da manutenção da coloração das brácteas por um longo período, são atributos ornamentais favoráveis ao cultivo em vasos, em canteiros, especialmente de jardins rupestres, ou como epífita, sobre árvores já estabelecidas.



Bromelia antiacantha Bertol.

A bananinha-do-mato é uma erva terrestre que ocorre nas margens ou interior de matas.

As folhas são verdes, rosetadas e com margens espinescentes. Próximo ao florescimento, as folhas centrais da roseta adquirem tonalidade vermelha na base. A seguir emergem brácteas vermelho-vivo e o eixo da inflorescência, de tonalidade branca, cujas flores lilases desabrocham ao longo de vários dias. Na maturidade os frutos podem ser amarelos ou alaranjados. Floresce e frutifica ao longo do ano.

O porte vigoroso, o contraste e a coloração das folhas, brácteas, flores e frutos e a manutenção da coloração das brácteas por um longo período são atributos ornamentais. Pode ser cultivada em jardins, isoladamente ou formando conjuntos. A presença de espinhos possibilita ainda o uso como planta guardiã, para a formação de cercas vivas de proteção.



Dyckia remotiflora Otto. & Dietr.

O gravatazinho é uma erva terrestre, rosetada, natural de campos secos e pedregosos.

As folhas são verde-escuras ou verde-acinzentadas, com espinhos nas margens. O eixo da inflorescência apresenta tonalidade alaranjada no ápice. As flores são alaranjadas ou avermelhadas e estão dispostas em inflorescências com até 50 cm de altura. Floresce de novembro a dezembro.

O hábito da planta, que pode formar pequenos agrupamentos, a coloração das folhas e as inflorescências vistosas são características ornamentais que possibilitam o cultivo em vasos e floreiras, ou em canteiros de jardins rochosos, isoladamente ou em conjunto com outras espécies.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria vulnerável (VU).



Cereus hildmannianus K.Schum.



A tuna é um cacto que pode atingir porte arborescente, ocorrendo, principalmente, em afloramentos rochosos ou em vegetação de restinga.

A planta pode alcançar cerca de 6 m de altura. O caule é verde a acinzentado, ramificado e colunar, sendo recoberto de espinhos e destituído de folhas. As flores são brancas ou levemente rosadas e aromáticas. Os frutos globosos e alaranjados são comestíveis e atraem a avifauna. Floresce e frutifica entre setembro e abril.

O porte, a floração e a frutificação são características que indicam o uso em praças e parques, desde que devidamente afastada dos caminhos e áreas para recreação infantil. A rusticidade e a baixa necessidade de irrigação tornam a planta ideal para fazer parte de jardins rochosos ou que exijam baixa manutenção. Pode ser cultivada ainda como planta guardiã, para a formação de cercas vivas de proteção.



Opuntia elata Link & Otto ex Salm-Dyck

A palma-laranja é um arbusto de campos e afloramentos rochosos.

É uma planta ereta, com altura média de 1,5 m, mas que pode atingir até 3 m de altura. Possui cladódios verdes, achatados e providos de longos espinhos acinzentados. As flores são apicais e grandes, com cerca de 4 cm de diâmetro, surgindo de novembro a março. As tépalas são laranja-claro na base e tornam-se laranja-escuro em direção ao ápice. Os frutos são comestíveis e apresentam coloração vinho. A formação dos botões florais, a abertura das flores e a maturação dos frutos ocorrem concomitantemente por um longo período.

Pode ser cultivada em vasos, mas é em jardins que evidencia sua exuberância, quando cultivada isolada, em grupos ou compondo conjuntos, desde que afastada dos caminhos e áreas para recreação infantil. A rusticidade e a baixa necessidade de irrigação tornam a planta ideal para compor jardins rochosos ou que exijam baixa manutenção. Os longos e rígidos espinhos possibilitam o emprego como planta-guardiã, formando cercas vivas de proteção.



Opuntia monacantha Haw.

A palma-amarela é um arbusto característico de restingas e afloramentos rochosos.

É uma planta ereta, com altura média de 1,5 m, mas que pode alcançar até 4 m de altura. Possui cladódios verdes, achatados e providos de longos espinhos acinzentados. As flores, com coloração amarelo intensa, são apicais e grandes, com cerca de 7 cm de diâmetro, surgindo de setembro a janeiro. Os frutos são comestíveis e apresentam coloração roxo-avermelhado. A formação dos botões florais, a abertura das flores e a maturação dos frutos ocorrem concomitantemente por um longo período.

Pode ser cultivada em vasos, mas é em jardins que evidencia sua exuberância, quando cultivada isolada, em grupos ou compondo conjuntos, desde que afastada dos caminhos e áreas para recreação infantil. A rusticidade e a baixa necessidade de irrigação tornam a planta ideal para compor jardins rochosos ou que exijam baixa manutenção. A presença de longos e rígidos espinhos possibilita o emprego como planta-guardiã, formando cercas vivas de proteção.



Ipomoea uruguayensis Meisn.

A ipoméia-do-campo é uma trepadeira que ocorre em afloramentos rochosos, campos e bordas de capões.

Embora seja encontrada frequentemente como uma planta prostrada, o caule é trepador e volúvel. As folhas são verdes, pilosas, inteiras e ovadas com ápice agudo. As flores são vistosas, com corola rosa ou branco-rosada, tornando-se púrpura-escuro na porção interna. Os estames apresentam anteras róseas. A floração ocorre entre dezembro e abril.

O hábito permite a condução como trepadeira ou como planta rastejante. Em jardins pode ser conduzida em cercas ou cultivada associada com outras espécies que sirvam de suporte. No cultivo como planta rasteira diversifica o visual em canteiros de jardins rochosos. Pode ser cultivada ainda em vasos e floreiras, como planta pendente ou apoiada em tutores.



Cordia curassavica

(Jacq.) Roem. & Schult.



A erva-baleeira é um arbusto que ocorre em restingas e sobre solos arenosos e pedregosos.

É uma planta com altura média de 1,5 m. As folhas são verdes, alternas, pilosas na face inferior e rugosas na face superior, oblongo-lanceoladas, coriáceas e com margem denteada. As inflorescências são espigas terminais e eretas que portam flores com cálice persistente verde-claro e corola campanulada branca ou creme, com estames de coloração desde levemente rosados a levemente amarelados. Após a fecundação a inflorescência torna-se pendente e produz frutos cordiformes com coloração vermelha quando maduros. Floresce e frutifica entre novembro e junho, sendo que a abertura das flores e a formação dos frutos não ocorrem de maneira uniforme ao longo do eixo.

Pode ser utilizado em jardins para compor agrupamentos e cercas vivas, proporcionando versatilidade pela mudança de cores nos períodos de floração e frutificação, com a vantagem de atrair pássaros e pequenos insetos.



Drosera brevifolia Pursh

A orvalhinha é uma erva encontrada em baixadas úmidas nos campos e restingas.

É uma diminuta planta insetívora, com aproximadamente 3 cm de diâmetro, cujas folhas dispostas em roseta são verdes e recobertas por tricomas mucilaginosos de coloração avermelhada. Entre setembro e dezembro produz pequenas flores rosadas em inflorescências com até 15 cm de altura.

Pelo aspecto interessante pode ser cultivada como uma curiosidade em pequenos vasos ou terrários colocados obrigatoriamente a pleno sol.



Ephedra tweediana Fisch. & C.A.Mey.

A efedra é um arbusto escandente característico de vegetação de restinga.

Essa gimnosperma apresenta ramos verdes, longos, flexíveis, pendentes e fili-formes que, com auxílio de um suporte, podem ascender até aproximadamente 3 m de altura. As folhas são reduzidas a escamas diminutas de coloração castanha a ocre. As plantas masculinas produzem estróbilos marrom-amarelados e as plantas femininas produzem estróbilos amarelados que, após a fecundação, adquirem coloração vermelha.

Pela versatilidade do hábito e aspecto diferenciado dos ramos com ou sem estróbilos, apresenta potencial ornamental. Pode ser cultivada cobrindo cercas e muros ou ainda isoladamente, quando assume uma arquitetura simétrica e equilibrada. Por dispensar podas de condução pode substituir algumas plantas exóticas comumente utilizadas para o mesmo fim, como *Chamaecyparis* spp. e *Juniperus* spp.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria em perigo (EN).



Eriocaulon magnificum Ruhland

A sempre-viva-do-banhado é uma erva típica de ambientes úmidos ou alagadiços dos campos litorâneos.

As folhas são rosetadas, eretas, verde-claras e lisas. Os capítulos são brancos, semi-globosos a globosos e solitários, surgindo no ápice de hastes verdes com até 60 cm de comprimento. A floração ocorre de setembro a fevereiro.

A durabilidade após o corte, o comprimento e os atributos estéticos das hastes florais, frescas ou desidratadas, possibilitam o uso em arranjos florais. É apropriada para o cultivo em canteiros, isoladamente ou formando conjuntos, especialmente próximo a fontes de água, ou em vasos colocados a pleno sol.



Erythroxylum argentinum O.E.Schulz

O cocão é uma árvore que ocorre em capões e matas ciliares.

A planta pode atingir até 8 m de altura. O tronco é de coloração parda e, ao descamar naturalmente, as partes recém expostas apresentam coloração avermelhada. As folhas são ovaladas e variam do verde-claro ao verde-escuro. As flores são pequenas e branco-esverdeadas e os frutos, produzidos em abundância, são intensamente vermelhos na maturidade. Floresce entre setembro e dezembro e frutifica de outubro a janeiro.

O porte e o contraste entre as cores do tronco, folhas e frutos conferem atributos ornamentais. As flores atraem polinizadores e os frutos são fonte de alimento para a avifauna. Todos esses aspectos sugerem o uso em parques, jardins e na arborização urbana.



Escallonia bifida Link & Otto.

A escalônia é um arbusto comum em bordas de matas.

Alcança em média 3,5 m de altura. As folhas são verde-claras, lustrosas e com margem serrada. As inflorescências se caracterizam como compactos cachos terminais que surgem em diversas floradas. As flores possuem pétalas brancas, estames com filetes brancos e anteras amarelas, e estigma verde. Floresce entre os meses de dezembro e junho.

Devido ao porte, à folhagem perene e ao longo período de floração é indicada para uso tanto isoladamente quanto para a formação de conjuntos ou cercas vivas.



Croton quintasii Allem

O cróton-cinzentos é um subarbusto característico de campos pedregosos.

Pode alcançar até 80 cm de altura. Os ramos são acinzentados e pilosos. As flores são pouco vistosas e permanecem escondidas sob as folhas dos ramos terminais, produzindo frutos acinzentados e globosos no ápice dos ramos.

O porte, a arquitetura irregular e o contraste propiciado pelo aspecto cinzento e aveludado da planta indicam a possibilidade de uso em vasos ou em canteiros, isoladamente ou formando maciços ou bordaduras, especialmente na composição de jardins rochosos.



Sinningia macrostachya (Lindl.) Chautems

A siníngia-vermelha é uma erva que ocorre em afloramentos rochosos.

É uma planta que atinge cerca de 60 cm de altura. O caule apresenta coloração castanha na base. As folhas são opostas, verdes, pilosas em ambas as faces e dentadas na margem. As flores são vermelho-alaranjadas, tubulosas, com até 3 cm comprimento e estão organizadas em inflorescências terminais. A floração ocorre entre outubro e maio

O porte da planta e o aspecto averdado das folhas agregam textura e suavidade às composições, especialmente em jardins com cactos e suculentas. Na época da floração, as flores se destacam, modificando o visual com sua coloração vibrante. Também se presta ao cultivo em vasos ou em floreiras, isoladamente ou compondo arranjos com outras espécies.



Hypericum caprifoliatum Cham. & Schltdl.

A escadinha é um subarbusto comum em afloramentos rochosos, barrancos úmidos e margens de cursos d'água.

O caule é ramificado, rígido e de coloração avermelhada, com altura média de 70 cm. As folhas são verdes, opostas, cruzadas, perpendiculares ao caule, parcialmente fundidas na base e com ápice agudo, apresentando nervuras de coloração creme. As flores com pétalas e estames amarelos surgem no ápice dos ramos entre setembro e maio.

A durabilidade após o corte, o comprimento e o aspecto inusitado dos caules, com ou sem flores, são atributos estéticos que possibilitam o uso como complemento floral. Pode ser empregada para a formação de maciços ou cultivada em conjunto com outras plantas.



Hypericum connatum Lam.

O espetinho é um subarbusto encontrado em afloramentos rochosos e barrancos.

O caule é simples ou ramificado, rígido e de coloração avermelhada, com comprimento médio de 60 cm. As folhas são verdes, opostas, cruzadas, perpendiculares ao caule, completamente fundidas na base e com ápice obtuso, apresentando margens avermelhadas ou enegrecidas e nervuras de cor creme, translúcidas. As flores com pétalas e estames amarelos surgem no ápice dos ramos entre setembro e junho.

A durabilidade após o corte, o comprimento e o aspecto inusitado dos caules, com ou sem flores, são atributos estéticos que possibilitam o uso como complemento floral. Pode ser cultivado em jardins rochosos ou em vasos a pleno sol, tanto pelas características vegetativas, quanto pelas flores delicadas que produz.



Cypella fucata Ravenna

O ruibarbo-do-campo é uma erva com ocorrência em formações campestres e afloramentos rochosos.

É uma planta bulbosa que apresenta folhas verdes e linear-lanceoladas. As flores são predominantemente amarelas, com estrias e manchas castanhas e amarelo claras, surgindo em escapos florais que medem entre 20 e 40 cm de altura. As flores duram apenas um dia, mas diariamente ocorre a abertura de uma ou duas flores por planta, que pode produzir várias flores em uma estação. A floração ocorre entre setembro e janeiro.

O aspecto das flores é um atrativo para o cultivo em canteiros, modificando o visual das composições e adicionando cor na época de florescimento.



Gelasine elongata (Graham) Ravenna

A tulipa-do-campo é uma erva bulbosa que ocorre em campos rochosos.

As folhas são verde-acinzentadas e basais. Entre outubro e novembro produz escapos florais com até 40 cm de altura. As flores apresentam tépalas azuis com a porção mediana basal branca e com manchas azuis. Medem entre 2 e 4 cm de diâmetro e abrem pela manhã.

A coloração incomum das flores é um atrativo para o cultivo em canteiros, modificando o visual das composições e adicionando cor na época de florescimento.



Kelissa brasiliensis (Baker) Ravenna

A bibi é uma erva bulbosa encontrada em formações campestres.

É uma planta cujos escapos florais podem atingir cerca de 14 cm de altura. As flores medem aproximadamente 4 cm de diâmetro e apresentam seis tépalas, cujo padrão de cores e tamanho é variável entre os indivíduos. As tépalas externas apresentam as cores branco, amarelo e marrom, enquanto as internas são maiores e predominantemente azuis circundadas por um halo mais claro com manchas escuras e base estreita de coloração amarela com manchas marrom. Floresce entre setembro e novembro.

A originalidade das flores, com variações no padrão das manchas e tonalidade das cores, aponta para o cultivo em relvados ou canteiros, modificando o visual das composições e adicionando cor na época de florescimento.



Salvia procurrens Benth.

A sálvia-rasteira é uma erva que ocorre em bordas de matas, principalmente em locais úmidos.

É uma planta rasteira cujas inflorescências podem atingir 10 cm de altura. Os ramos apresentam coloração verde a castanho, são pilosos e longos. As folhas são verde-claras, opostas, pilosas e cordiformes, com margem crenada. As flores são bilabiadas, sendo que o lábio inferior é vivamente azul com manchas brancas na base, enquanto que o lábio superior é lilás claro. Floresce entre setembro e novembro.

O hábito, as características das folhas e a intensa coloração das flores indicam o potencial ornamental. Pode ser cultivada em vasos suspensos e floreiras, condição em que são evidenciados os longos ramos pendentes, ou na formação de forrações em canteiros à meia-sombra.



Vitex megapotamica (Spreng.) Moldenke



O tarumã é uma árvore decídua que ocorre em capões e matas ciliares, de restinga ou de encosta.

A planta pode atingir aproximadamente 15 m de altura, possui caule curto e irregular e casca cinza-escuro. As folhas são verde escuras, compostas, digitadas e geralmente com cinco folíolos. As flores apresentam corola com guias de néctar lilases na porção interna do tubo, lábio inferior azul, demais pétalas com coloração branco-azuladas e estames com filetes lilases e anteras azuis. O florescimento ocorre entre outubro e dezembro. Os frutos apresentam coloração roxa e formato arredondado ou ovalado e amadurecem entre janeiro e março.

O comportamento da planta modifica a paisagem nas diferentes épocas do ano. As flores melíferas e os frutos atrativos para a avifauna são características adicionais para o cultivo em ambientes urbanos. Pode ser utilizada na arborização de ruas e no ajardinamento de grandes áreas como planta de destaque ou formando conjuntos.



Arachis burkartii Handro

O amendoim-nativo é uma erva com ocorrência nas formações campestres.

Possui ramos laterais castanhos e eretos. As folhas são verdes e compostas, apresentando dois pares de folíolos. As flores são amarelas, com cerca de 1 cm de diâmetro, sendo sustentadas por delicados pedicelos de coloração castanho-clara. Floresce entre os meses de outubro e abril.

O hábito de crescimento permite o cultivo como forração de canteiros ou para o enriquecimento da diversidade de espécies em relvados. Pode ser cultivado também em floreiras e vasos, isoladamente ou como cobertura em consórcio com outras espécies.

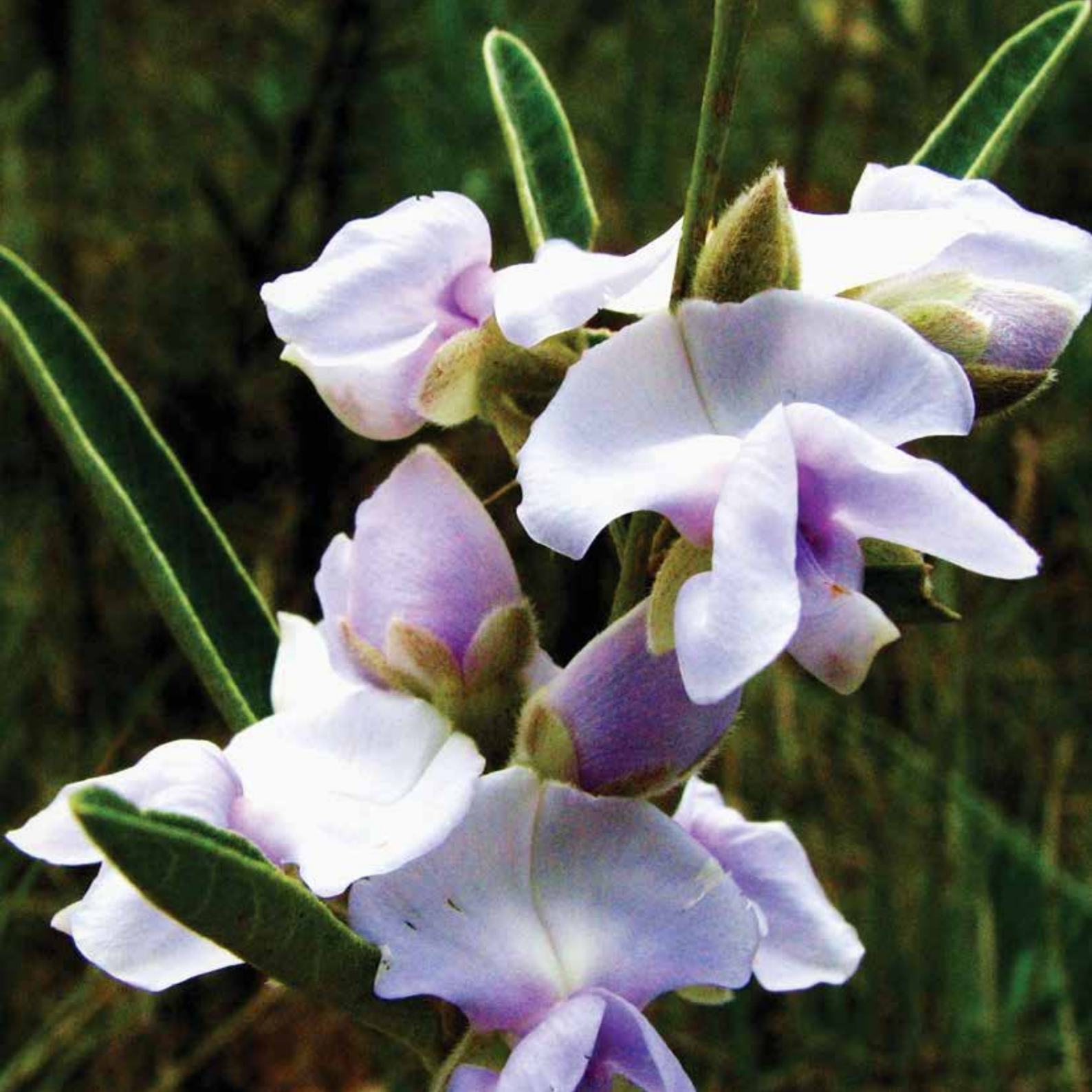


Collaea stenophylla (Hook. et Arn.) Benth.

A giesta-lilás é um subarbusto que ocorre em campos pedregosos.

Os ramos são eretos e atingem 1 m de altura. As folhas são verde-escuras, rígidas, compostas e trifolioladas. As flores apresentam corola lilás, azulada, rosada e esbranquiçada, agrupadas em inflorescências que se distribuem ao longo dos ramos. Floresce o ano todo, principalmente de novembro a fevereiro.

O aspecto da planta e o longo período de floração são atributos favoráveis para a formação de agrupamentos, ocupando um estrato intermediário em canteiros, ou mesmo para o cultivo em vasos a pleno sol.



Crotalaria tweediana Benth.

O guizo-de-cascavel é uma erva de campos abertos e pedregosos.

Os ramos e folhas são verde-claros e pilosos. As flores são amarelas e encontram-se reunidas em cachos terminais com até 30 cm de altura. Os frutos são legumes inflados de coloração marrom escuro. Floresce e frutifica de outubro a março

O aspecto aveludado da planta, a coloração viva e a delicadeza das flores indicam potencial para o uso em canteiros, formando maciços associada a outras espécies. Os frutos maduros, quando agitados, produzem um som semelhante ao guizo de uma cascavel, sugerindo adequação ao cultivo desta planta como uma curiosidade, principalmente em jardins sensoriais.



Galactia neesii DC.



A galáxia-rosa é uma erva com ocorrência em campos.

É uma planta prostrada com folhas formadas por três folíolos verdes com margens e nervuras amareladas. As flores são de coloração rosa intenso a violácea, surgindo entre outubro e dezembro, em densos cachos inseridos na axila das folhas.

Quando cultivada em canteiros, em combinação com outras espécies para a formação de forrações, destaca-se entre a vegetação pelo hábito da planta e pela intensidade das cores das inflorescências. Pode ser cultivada também em vasos e floreiras, conduzidas ou não com o auxílio de tutores.



Macroptilium prostratum (Benth.) Urb.



O siratro-farroupilha é uma erva que ocorre em formações campestres.

As folhas são formadas por três folíolos verde-escuros, coriáceos e elípticos. As flores apresentam duas pétalas que se destacam pela coloração predominantemente amarela, com nervuras vermelho-alaranjadas. A floração ocorre entre os meses de outubro e maio.

Tem como características ornamentais o hábito, o prolongado período de floração, e as flores, com abertura alternada e coloração intensa. Pode ser utilizado como forração de canteiros, mesmo em combinação com outras plantas, pois as inflorescências se destacam entre a vegetação. Além disso, pode ser cultivado em vasos e floreiras, com ou sem auxílio de tutores.



Poiretia tetraphylla (Poir.) Burk.



A erva-de-touro é uma herbácea encontrada em campos abertos, em solos rasos e pedregosos.

É uma planta ereta que pode alcançar até 1 m de altura. As folhas são verde claras, compostas e paripinadas. As flores são amarelas e densamente reunidas em cachos axilares. A floração ocorre entre os meses de outubro e março.

O hábito e a coloração das flores são características que indicam o uso para a formação de maciços ou bordaduras de canteiros, assim como em vasos e floreiras, em conjunto com outras plantas.



Rhynchosia corylifolia Mart. ex Benth.



A favinha-rasteira-do-campo é uma erva comum nos campos.

É uma planta prostrada. Possui folhas compostas trifolioladas, com folíolos rugosos verdes, levemente castanhos quando jovens. As flores são amarelas, delicadas e densamente agrupadas em inflorescências que surgem entre setembro e abril.

O hábito prostrado e a densa cobertura que proporciona no solo são atributos positivos para o cultivo como forração de canteiros, mesmo entremeada com outras espécies para diversificar a cobertura vegetal. Na floração agrega cor aos locais onde é cultivada, pois as inflorescências se elevam acima da vegetação rasteira. Pode também ser cultivada em vasos e floreiras.



Sesbania punicea (Cav.) Benth.

O fedegoso-da-praia é um arbusto comum em campos arenosos e vegetação de restinga.

É uma planta caducifólia que pode atingir de 2 a 4 m de altura. As folhas são verdes, alternas e compostas por numerosos folíolos. As flores são vermelho-alaranjadas, apresentam em média 3 cm de comprimento e estão densamente reunidas em cachos terminais pendentes, com comprimento de até 25 cm. Os frutos são de coloração marrom, com cerca de 8 cm de comprimento. Floresce entre novembro e fevereiro.

A arquitetura equilibrada, o aspecto das folhas e flores e a persistência dos frutos são os atributos ornamentais propícios para o uso na formação de agrupamentos ou cercas vivas e também como planta de destaque em composições paisagísticas.



Trifolium polymorphum Poir.



O trevo-rosa é uma erva perene comum em campos.

É uma planta estolonífera, com folhas compostas por três folíolos verdes com manchas verde-claras. As flores, reunidas em delicadas inflorescências globosas, são de tonalidade rosada ou avermelhada. A floração ocorre entre setembro e novembro.

A rusticidade, capacidade de cobertura do solo e o aspecto das folhas e flores conferem as características ornamentais para cultivo como forração de canteiros e como forma de diversificar a cobertura vegetal. Na floração agrega cor, pois as inflorescências se destacam entre a vegetação.



Cliococca selaginoides (Lam.) C.M.Rogers & Mildner



O linho-anão é um subarbusto que ocorre em barrancos e campos rochosos.

É uma planta com altura média de 15 cm e ramificação densa. As folhas são verde-claras, pequenas e lineares. As flores são brancas a esverdeadas e pouco perceptíveis, dispostas no ápice dos ramos. O fruto é esférico, com tonalidade marrom-claro e estrias longitudinais de coloração creme, medindo aproximadamente 5 mm de diâmetro. A floração e a frutificação ocorrem entre outubro e março.

O hábito, a conformação, formando pequenas e densas moitas, a folhagem delicada e a disposição dos frutos no ápice dos ramos fazem desta planta uma singular opção para uso em maciços e bordaduras. É adequada também para o cultivo em vasos ou floreiras.



Aspicarpa pulchella

(Griseb.) O'Donnell & Lourteig



A aspicarpa possui hábito herbáceo e é encontrada em formações campestres e afloramentos rochosos.

É uma planta perene com até 15 cm de altura. As folhas verdes, opostas e pilosas apresentam formato ovalado, base cordiforme e ápice agudo. As flores são axilares e solitárias, apresentam o cálice verde com sépalas curvadas em direção ao centro e intercaladas com as pétalas amarelo-escuras, unguiculadas e franjadas nas margens. Os estames apresentam filetes verdes e anteras amarelas. O florescimento ocorre entre setembro e março.

O hábito da planta, a coloração e pilosidade das folhas e o aspecto incomum e delicadeza das flores são características ornamentais que justificam o cultivo em vasos e floreiras. Pode ser utilizada ainda em jardins rochosos, isoladamente ou em conjunto com outras espécies.



Hibiscus diversifolius Jacq.



O hibisco-do-banhado é um subarbusto que ocorre em áreas alagadas e margens de rios e lagoas.

A planta atinge até 3 m de altura. Forma densas moitas, apresentando caule e ramos espinescentes. As folhas são verde-claras e apresentam formatos variados. Os cachos portam cerca de dez flores que desabrocham individualmente da base para o ápice. As flores apresentam pétalas rosa escuro na base, tornando-se gradativamente rosa claro em direção ao ápice. Floresce entre novembro e maio.

O porte, os ramos densamente espinhosos e a coloração das flores são atributos ornamentais que evidenciam o uso em jardins, especialmente como planta guardiã, para cercas vivas de proteção. Presta-se para o cultivo como planta de destaque ou formando conjuntos em locais com umidade constante ou margens de cursos d'água.



Pavonia hastata Cav.

A pavônia-do-campo é um subarbus-to ocorrente em formações campestres.

A planta mede aproximadamente 1,5 m de altura. O caule é verde ou verde-acinzentado e piloso. As folhas são verdes ou verde-acinzentadas, pilosas e com margem denteada. As flores são solitárias, dispostas no ápice dos ramos e medem cerca de 5 cm de diâmetro. Apresentam pétalas de coloração alvo-rosada e base vermelha. Floresce de setembro a abril.

Pelo hábito, coloração e textura dos ramos e folhas, e coloração das flores, pode ser utilizada para a formação de conjuntos, associada ou não com outras espécies.



Thalia multiflora Horkel

A tália-púrpura é uma planta herbácea que ocorre em áreas úmidas e banhados.

As folhas são verde-acinzentadas, longamente pecioladas e lanceoladas. As flores apresentam pétalas púrpura e brácteas acinzentadas, surgindo entre setembro e maio, em inflorescências paniculadas com longas hastes que atingem, em média, 1,5 m de altura.

A durabilidade, o comprimento das hastes e a aparência e coloração das flores mostram adequação para o uso em arranjos florais. As características das folhas e das hastes florais também a tornam própria para o uso em jardins, compondo canteiros em áreas úmidas ou em beira de fontes de água, a pleno sol ou a meia-sombra.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria vulnerável (VU).



Regnellidium diphyllum Lindm.

A samambaia-borboleta é uma erva aquática, com ocorrência em lagos, banhados, córregos ou áreas regularmente alagadas.

O caule é rastejante, podendo encontrar-se completamente submerso ou sobre o solo lodoso. As folhas geralmente são flutuantes e rentes à lâmina d'água, mas podem se tornar eretas e emergentes em locais rasos. Cada folha é formada por um pecíolo, que pode atingir 20 cm de comprimento, e por dois folíolos opostos, verde-claros, com centro de coloração creme-esverdeado, lustrosos e com formato reniforme, medindo cada um, em média, 3,5 cm de comprimento por 2,5 cm de largura.

Pelo aspecto curioso, visto ser uma samambaia aquática, pela versatilidade do hábito e pela aparência e formato singular das folhas, apresenta potencial para o cultivo em aquários, lagos e fontes, em locais com água estagnada ou corrente, onde se adapta vegetando tanto dentro da água quanto fora.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria vulnerável (VU).



Tibouchina asperior Cogn.

A quaresmeira-do-banhado é um subarbusto com ocorrência em campos alagadiços e banhados.

É uma planta com porte entre 0,4 e 1,5 m de altura. As folhas são verde-escuras, pilosas e ovaladas. As flores apresentam cinco pétalas púrpuras ou brancas e estames com anteras amarelas e estilete rosado, e pistilo magenta. A floração ocorre de dezembro a maio.

O hábito, as folhas, o longo período de florescimento, a coloração das pétalas e o contraste formado pelo conjunto das peças florais conferem apelo ornamental. O porte permite o uso isolado ou para a formação de maciços, como espécie única ou em conjunto com outras plantas.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria em perigo (EN).



Tibouchina gracilis (Bonpl.) Cogn.

A quaresmeira-do-campo é um subarbusto com ocorrência em formações campestres.

A planta pode alcançar entre 0,5 e 1 m de altura. Apresenta folhas verde-escuras na face superior e verde-claras na face inferior, pilosas e linear-lanceoladas a oblongas. As flores, que surgem entre setembro e março, apresentam cinco pétalas de coloração rosada a violácea, os estames apresentam filetes rosados e anteras amarelas, enquanto que o estilete é rosado na base, esmaecendo em direção ao ápice.

O hábito, as folhas, a coloração das pétalas e o contraste formado pelo conjunto das peças florais são características ornamentais da espécie. Pode ser empregada para a formação de bordaduras de altura mediana e de maciços, modificando o visual e adicionando cor às composições na época do florescimento.

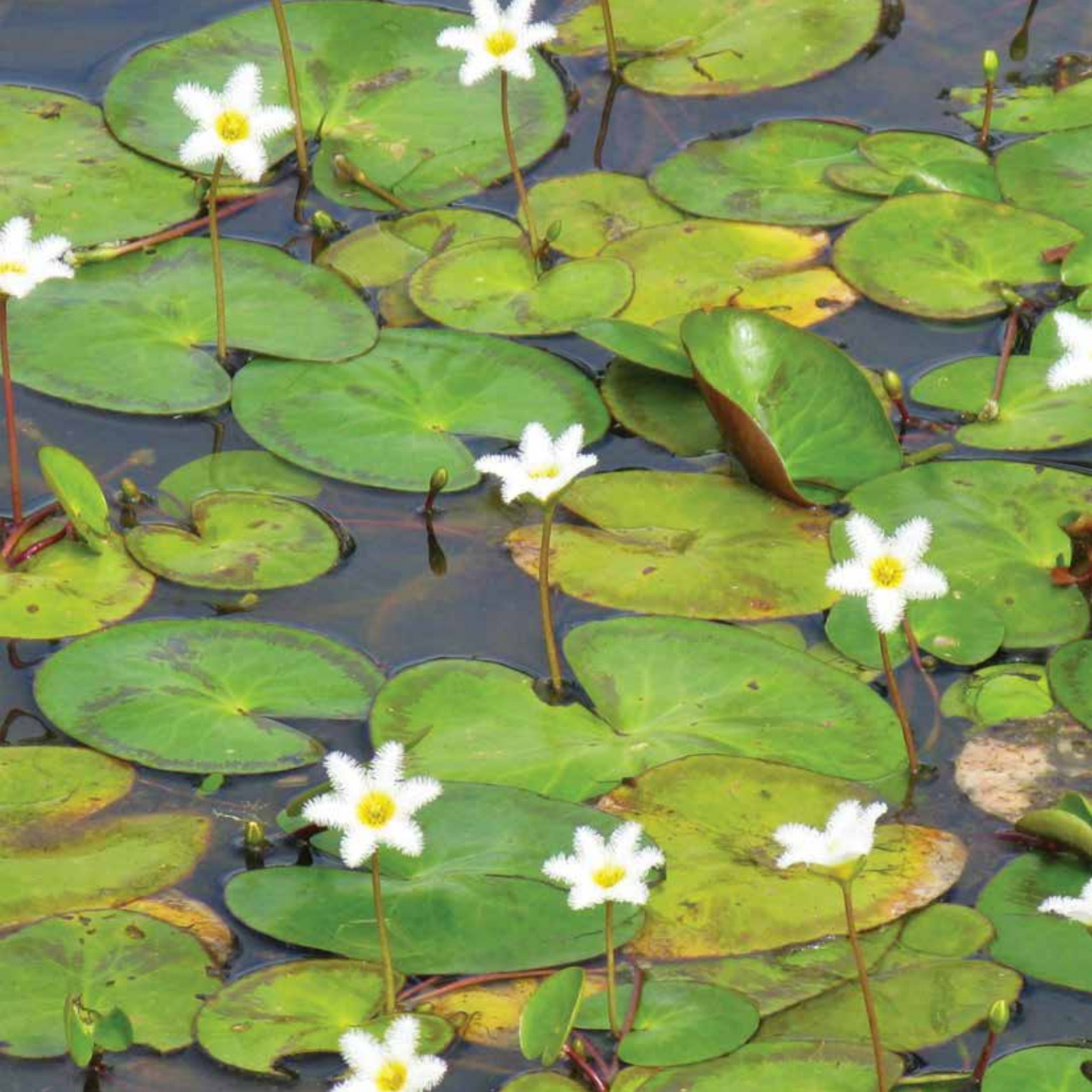


Nymphoides indica (L.) Kuntze

A ninféia-rendada é uma erva aquática que ocorre em lagos, açudes ou áreas alagadiças.

É uma planta emergente, cujas raízes são fixas. As folhas são verdes, flutuantes, cordiformes e com ápice arredondado. As flores, que surgem entre novembro e maio, apresentam cinco ou seis pétalas brancas com base amarela, sendo cobertas por numerosos tricomas.

O hábito, o formato das folhas e a singularidade das flores, que parecem rendadas, conferem características ornamentais para o uso em fontes, lagos e terrenos pouco drenados.



Myrsine umbellata

Mart.



A capororoca é uma árvore que ocorre em capões, matas ciliares e de encosta.

O tronco possui casca cinzenta e a árvore pode atingir cerca de 10 m de altura. As folhas são alternas e espiraladas ao longo do caule, brilhantes e coriáceas, verdes com pecíolo e nervuras amarelas, com formato obovado até elíptico. As flores de coloração creme e pouco perceptíveis estão dispostas em inflorescências axilares, enquanto que os frutos são roxo-escuros.

O porte, o contraste entre a coloração do tronco e das folhas, a aparência das folhas e a atração da avifauna pelos frutos, são características que justificam seu uso no ajardinamento de grandes áreas. A durabilidade após o corte, o tamanho e a aparência das folhas possibilitam o uso na arte floral, permitindo aplicações diferenciadas nas composições.



Campomanesia aurea O.Berg.



A guabiroba-do-campo é um subarbusto que ocorre em campos com afloramentos rochosos.

A planta é perene e pode alcançar até 1 m de altura. O caule é lenhoso e ramificado. As folhas são verdes com margens e nervuras amareladas. As flores são axilares e pedunculadas e possuem pétalas brancas, estames numerosos e longos, com filete branco e antera creme. Os frutos são de coloração amarelada, globosos, pedunculados e pendentes. A floração e frutificação ocorrem entre outubro e fevereiro.

O pequeno porte, o formato irregular da planta, a floração intensa e aromática e os frutos comestíveis são características que justificam o cultivo em jardins, como planta de destaque ou para compor maciços e bordaduras de estatura mediana. Além disso, pode ser cultivada em vasos, quando assume o aspecto de um bonsai, conferindo diferencial a ambientes externos.



Acianthera sonderana (Rchb. f.) Pridgeon & M.W.Chase

A aciantera-amarela é uma erva epífita encontrada em matas de encosta, matas de galeria ou em árvores isoladas no campo.

É uma micro-orquídea que forma densas touceiras com caules providos de uma única folha. As folhas são verde-amareladas, linear-lanceoladas, rígidas e eretas, medindo entre 2 e 2,5 cm de comprimento. As inflorescências em cachos medem entre 1,5 e 3 cm de comprimento e surgem no ápice dos caules, portando flores amarelas entre fevereiro e maio.

A arquitetura da planta e a coloração das folhas e flores conferem o aspecto ornamental. Pode ser cultivada em vasos, em estacas de madeira ou placas de fibra de coco, ou ainda fixada sobre troncos de árvores.



Brasiliorchis porphyrostele (Rchb.f.) Singer et al.



A orquídea-brasileira é uma erva epífita ou rupícola com ocorrência em matas.

Apresenta pseudobulbos verdes e eretos que portam duas folhas verdes, longas e arqueadas, com comprimento médio de 35 cm. Apresenta de três a seis flores com cerca de 4 cm de diâmetro cada. As flores são delicadamente perfumadas, pedunculadas e eretas, com sépalas, pétalas e labelo amarelos com manchas purpúreas na base e coluna de coloração púrpura. Floresce de agosto a outubro.

As longas folhas, o formato das flores e as cores intensas e contrastantes das estruturas florais são aspectos ornamentais. Pode ser cultivada sobre ramos de árvores, em vasos ou em placas de fibra de coco à meia-sombra.



Galeandra beyrichii

Rchb.f.



A galeandra é uma erva terrestre com ocorrência no interior de matas de encosta.

As folhas são verdes, eretas, com cerca de 30 cm de comprimento. Durante a floração, que ocorre entre fevereiro e março, as folhas estão ausentes e a planta emite uma inflorescência que pode atingir até 90 cm de altura, portando de 6 a 16 flores nos 12 cm apicais. As flores medem 2,5 cm de comprimento por 1,5 cm de largura, apresentando sépalas e pétalas de coloração branco-esverdeada e labelo branco com estrias púrpuras na margem.

As folhas longas e estreitas e as inflorescências elegantes, portando numerosas flores vistosas com abertura contínua e alternada são indicativos para o uso ornamental. Pode ser cultivada em canteiros à meia-sombra, isoladamente ou formando conjuntos. A presença de folhas e inflorescências em épocas distintas do ano é um diferencial para o cultivo em vasos.



Octomeria umbonulata Schltr.



A octoméria é uma erva epífita com ocorrência em capões e matas de encosta.

Essa micro-orquídea apresenta caules unifoliados e forma touceiras de até 23 cm de altura. As folhas são verdes, lanceoladas, eretas ou levemente arqueadas, com 3 a 10 cm de comprimento. As flores, delicadamente perfumadas, apresentam peças florais amarelo-claras e translúcidas e se reúnem no ápice dos caules, em fascículos com até 11 flores. A floração ocorre de maio a junho.

O aspecto das folhas e inflorescências são características ornamentais. A planta pode ser fixada em troncos de árvores, sendo também adequada para o cultivo em vasos ou em placas de fibra de coco colocados à meia-sombra.



Oncidium longipes

Lindl.



O oncídio-canela é uma erva epífita com ocorrência em capões e matas de galeria e de encosta.

Essa orquídea forma agrupamentos compactos, medindo entre 11 e 30 cm de altura. Apresenta pseudobulbos verdes cilíndricos e achatados lateralmente com uma ou duas folhas verdes, coriáceas e oblongas no ápice, que medem entre 9 e 25 cm de comprimento. As flores, até sete por haste, surgem nos meses de setembro a novembro, e medem cerca de 3 cm de diâmetro. As sépalas e pétalas apresentam padrões que mesclam amarelo, verde e castanho, enquanto que o labelo é amarelo e apresenta manchas castanho claras na base.

A forma das folhas e o formato e padrão de cores das flores são as principais características ornamentais. Pode ser cultivada sobre ramos de árvores, em vasos ou em placas de fibra de coco, instalados à meia-sombra.



Angelonia integerrima Spreng.

A angelônia é uma planta herbácea ocorrente em campos pedregosos e afloramentos rochosos.

A planta atinge, em média, 40 cm de altura. O caule apresenta coloração bordô e as folhas são verdes, subsésseis, opostas e oblongas. As flores são brancas a lilás claro, com manchas púrpuras, e estão dispostas em cachos terminais, que surgem entre outubro e março.

O hábito, o contraste entre a coloração do caule e folhas, os cachos com flores em diferentes estágios de desenvolvimento, além do aspecto incomum das flores, são características que apontam para o uso ornamental. Pode ser cultivada em canteiros, formando maciços, ou mesmo como planta de destaque em jardins rochosos. O porte também possibilita o cultivo em floreiras e vasos.



Scoparia ericacea Cham.



A escopária-azul é um subarbusto com ocorrência em afloramentos rochosos e campos arenosos.

É uma planta ramificada que atinge até 50 cm de altura. As folhas são verdes e filiformes. As flores apresentam quatro pétalas azuis com tricomas basais da mesma cor e estames com filete azul e anteras amarelas. A floração ocorre entre outubro e janeiro.

O hábito, a folhagem delicada e a floração abundante, vivamente azul, são características favoráveis para o uso ornamental, especialmente pela escassa oferta de flores de cor azul no mercado. É adequada para a formação de bordaduras ou maciços, podendo ser cultivada, devido ao pequeno porte, em vasos ou floreiras a pleno sol.



Limonium brasiliense (Boiss.) Kuntze

O limônio é uma erva característica de marismas.

É uma planta perene, rosetada, com folhas verdes e obovadas. As inflorescências apresentam hastes verdes que atingem entre 30 e 90 cm de altura, surgindo entre setembro e março. As flores apresentam sépalas com as cores verde e marrom claro e as pétalas são brancas a levemente azuladas.

A durabilidade das hastes florais após o corte e o expressivo número de ramificações e de flores, possibilita a utilização na arte floral, tanto frescas quanto desidratadas, quando assumem coloração acobreada. Pela semelhança, pode ser uma alternativa ao cultivo da latifolia (*Limonium platyphyllum* Lincz), espécie exótica explorada comercialmente.



***Andropogon bicornis* L.**

A cola-de-sorro é uma erva encontrada em formações campestres e vegetação secundária.

Essa gramínea forma touceiras eretas, medindo entre 0,8 e 1,6 m de altura. As folhas são verdes e lineares. As inflorescências são terminais, muito ramificadas e adensadas nos 25 cm apicais dos colmos.

A durabilidade após o corte, o comprimento, a coloração dos colmos e o aspecto ornamental em todas as fases, da floração à frutificação, são as características que evidenciam a aptidão para o uso na arte floral. As inflorescências podem ser usadas tanto frescas quanto desidratadas, quando assumem coloração acobreada. Em jardins, pode ser empregada para conferir aspecto rústico às composições ou contrastar com plantas de folhas largas, agregando leveza e movimento.



Melica brasiliana Ard.



O capim-trovador é uma erva encontrada em campos úmidos e em bordas de matas.

É uma planta perene e rizomatosa com colmos e folhas verdes. As inflorescências são terminais e medem entre 40 e 50 cm de comprimento, portando flores com brácteas vistosas, de coloração branca a vinho. Floresce em outubro e novembro.

A durabilidade após o corte e o aspecto leve das inflorescências são os principais atributos para o uso na arte floral. Frescas ou desidratadas agregam suavidade e movimento às composições florais. Pode ser cultivada para compor maciços em jardins instalados à meia-sombra.



Melica macra Ness

O capim-trovador-grande é uma erva encontrada em formações campestres.

É uma planta perene e rizomatosa que pode atingir 1 m de altura. Apresenta colmos e folhas verdes e inflorescências terminais que medem entre 40 e 50 cm de comprimento, portando flores com brácteas de coloração palha. Floresce entre setembro e janeiro.

A durabilidade após o corte e o aspecto leve das inflorescências são os principais atributos para o uso na arte floral. Frescas ou desidratadas agregam suavidade e movimento às composições florais. Pode ser cultivada para compor maciços em jardins, em locais sob sol pleno.



Colletia paradoxa (Spreng.) Escal.

O espinho-de-cruz é um arbusto que ocorre em campos pedregosos.

A planta apresenta densa ramificação e pode alcançar 3 m de altura. Os ramos são verde-acinzentados a azul-acinzentados, formando asas triangulares, cruzadas e com espinhos no ápice. As folhas são reduzidas a escamas decíduas. As flores são brancas, aromáticas e reúnem-se em densos fascículos na base dos espinhos, originando frutos de cor bege. A floração e frutificação ocorrem entre outubro e janeiro.

A arquitetura da planta, a conformação inusitada e a coloração singular dos ramos são características ornamentais que perduram ao longo do ano, enquanto que as flores abundantes, delicadas e aromáticas agregam valor no período de florescimento. É uma planta rústica que pode ser cultivada isolada ou formando conjuntos, especialmente em jardins rochosos. Pode ser cultivada como planta-guardiã na formação de cercas vivas de proteção, ou ainda em vasos, por apresentar lento ritmo de crescimento e suportar podas de conformação.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria vulnerável (VU).



Scutia buxifolia Reissek

A coronilha é uma árvore que ocorre em afloramentos rochosos, matas ciliares, capões e matas de encosta.

A planta alcança em média 6 m de altura. O caule é marrom claro e a copa apresenta formato irregular. Os ramos apresentam espinhos com até 5 cm de comprimento. As folhas são marrom-avermelhadas quando novas, passando para o verde claro até o verde, curtamente pecioladas, coriáceas e elípticas. As flores são amarelo-esverdeadas, pequenas e agrupadas em fascículos axilares. Os frutos são roxo-escuros, globosos e medem entre 0,5 e 1 cm de diâmetro. A floração e a frutificação ocorrem entre outubro e fevereiro.

Pelo porte, estrutura da copa e frutificação atrativa para a avifauna pode ser utilizada no ajardinamento de parques e jardins. Também pode ser usada como planta-guardiã, formando cercas vivas de proteção.



Rubus urticifolius Poir.



A amoreira-silvestre é uma trepadeira comum em capões e bordas de matas.

A planta atinge até 3 m de altura. Os ramos são verde-claros, pilosos e espinescentes. As folhas são compostas, com folíolos verde-acinzentados e pilosos na face inferior e verde-claros na face superior, com margem serrada. Floresce e frutifica ao longo do ano, produzindo flores com pétalas brancas reunidas em cachos terminais. A coloração dos frutos varia do vermelho ao roxo escuro na maturidade.

O hábito trepador, os ramos espinescentes, as flores brancas e os frutos comestíveis são aspectos que favorecem o cultivo como planta ornamental. Deve ser conduzida em suportes como pergolados ou cercas, quando assume a função de planta guardiã.



Coccocypselum lanceolatum (Ruiz & Pav.) Pers.

O cachinho-azul é uma erva que ocorre em bordas de matas ou em meio à vegetação secundária.

Os ramos são verdes ou vinho, prostrados ou pendentes. As folhas são opostas, verdes, pilosas, ovais ou lanceoladas. As flores são diminutas e reunidas em inflorescências globosas e pedunculadas, com corola violácea a rósea. Os frutos são elipsóides ou obovóides com coloração azul-cobalto e estão densamente agrupados em cachos pendentes. Floresce e frutifica ao longo do ano.

O hábito de crescimento e os frutos de coloração intensa conferem potencial ornamental. Pode ser cultivada em vasos suspensos e floreiras, condição em que são evidenciados os frutos em cachos pendentes ou em canteiros à meia-sombra ou pleno sol.



Jodina rhombifolia

(Hook. & Arn.) Reissek



A cancorosa-de-três-pontas é uma árvore com ocorrência em vegetação de restinga, capões e matas de encosta.

A planta pode atingir até 5 m de altura. O tronco possui casca cinza profundamente fissurada. As folhas são verdes, coriáceas, lustrosas e romboidais, com espinhos nas extremidades. As flores são de coloração creme, pouco perceptíveis, mas muito aromáticas, surgindo na axila dos ramos. Os frutos são rosados ou vermelhos, globosos, com aproximadamente 5 mm de diâmetro e dividem-se na maturação em cinco partes. A floração ocorre entre maio e julho e a frutificação entre julho e dezembro.

O porte, o formato das folhas, as flores aromáticas e os frutos atrativos para a avifauna possibilitam o cultivo em parques e jardins amplos, já que as folhas espinescentes limitam a circulação nas proximidades da planta. Embora apresente aptidão para o cultivo em vasos é necessário maior conhecimento sobre a biologia da espécie, pois pertence a uma família de plantas caracterizada pelo comportamento hemiparasita sobre as raízes de outras plantas, o que talvez dificulte o cultivo em recipientes.

Está em risco de extinção no Rio Grande do Sul, na categoria em perigo (EN).



Calibrachoa excellens Wijsman

A petúnia-da-praia é um subarbusto decumbente com ocorrência em campos de restinga e vegetação secundária.

As folhas são verdes, elípticas a ovaladas e pilosas. As flores apresentam corola púrpura, com porção externa do tubo púrpura escuro e porção interna amarela. Floresce de outubro a janeiro.

A rusticidade, o hábito e as flores vistosas com cores contrastantes são aspectos ornamentais. Pode ser cultivada como forração de canteiros ou em vasos e floreiras.



Calibrachoa ovalifolia (Miers) Stehmann & Semir

A petúnia-do-campo é um subarbusto decumbente com ocorrência em campos pedregosos e vegetação secundária.

As folhas são verdes, elípticas a ovaladas e pilosas. As flores apresentam corola lilás claro, com um retículo de coloração lilás escuro e porção interna do tubo amarela. Floresce de outubro a janeiro.

A rusticidade, o hábito e as flores vistosas com cores contrastantes são aspectos ornamentais. Pode ser cultivada como forração de canteiros ou em vasos e floreiras.



Petunia axillaris (Lam.) Britton, Sterns & Poggenb.



A petúnia-branca é uma erva ereta que ocorre em campos pedregosos e arenosos.

Os ramos são eretos, verdes e pilosos, medindo cerca de 50 cm de altura. As folhas são verdes, pilosas e elípticas. As flores apresentam corola branca com tubo verde-amarelado na porção interna e surgem entre setembro e março.

O hábito e a coloração das flores propiciam o uso como planta ornamental. Pode ser cultivada para a formação de bordaduras e maciços, adicionando luminosidade e imprimindo sazonalidade aos jardins. Em vasos e floreiras pode ser cultivada em conjunto com outras plantas.



Solanum granuloso-leprosum Dunal

O fumo-bravo é uma árvore que ocorre em bordas de mata e vegetação secundária.

A planta pode atingir até 8 m de altura e apresenta copa com formato achatado horizontalmente e irregular. Os ramos, folhas jovens e face inferior das folhas adultas são pilosos e verde-acinzentados, enquanto que a face superior da folha é verde. As flores estão organizadas em inflorescências terminais e apresentam corola violácea com a base das pétalas de coloração branco-violácea e estames com anteras amarelas. Os frutos são globosos e apresentam coloração que varia do verde ao amarelo na maturidade. Floresce e frutifica ao longo do ano.

A diferenciada arquitetura de planta, a coloração de folhas, flores e frutos e o longo período de floração e frutificação são características ornamentais. Pode ser cultivada como planta de destaque ou para compor pequenos agrupamentos. O formato da copa permite o uso em terrenos irregulares, imprimindo idéia de amplitude e de horizontalidade aos espaços.



Styrax leprosus Hook & Arn.

A canelinha é uma árvore que ocorre em capões e matas de encosta.

A planta pode alcançar até 8 m de altura. O tronco é de coloração acinzentada e descama naturalmente em placas, expondo manchas castanho-claras. As folhas são verdes com nervuras amareladas, persistentes, brilhantes, inteiras, elípticas e alternas. As flores são brancas, pequenas, com estames longos e levemente rosados, agrupadas em cachos axilares ou apicais. Os frutos são oblongos, obovados, rodeados pelo cálice persistente coberto por pilosidade cinzenta. A floração ocorre de dezembro a março e a frutificação de dezembro a maio.

Pelo porte, contraste entre as cores do tronco descamado e pelas características incomuns das flores e frutos é indicada para a arborização de parques e praças, em estacionamentos e em jardins de grandes áreas.



Daphnopsis racemosa Griseb.

A embira é um subarbusto com ocorrência em formações campestres, bordas de matas e vegetação secundária.

A planta é dióica e mede cerca de 1,5 m de altura, com copa de diâmetro semelhante. As folhas são verde-claras, alternas, coriáceas, lustrosas e elípticas a obovadas. As flores são diminutas, de coloração creme e estão reunidas em cachos que surgem entre julho e março.

A forma da planta, naturalmente arredondada, dispensa podas de formação. Além disso, o aspecto das folhas e as inflorescências delicadas são atributos estéticos para o cultivo como planta de destaque ou em conjuntos, formando agrupamentos ou cercas vivas, sem interromper a continuidade espacial devido ao porte mediano. O porte e conformação possibilitam ainda o cultivo em vasos. A durabilidade dos ramos após o corte permite o uso como complemento de arranjos florais.



Piriqueta suborbicularis (A. St.-Hil. & Naudin) Arbo.

A piriqueta é um subarbusto com ocorrência em formações campestres e vegetação secundária.

A planta alcança até 20 cm de altura. As folhas são verde-escuras, obovadas até ovadas, sésseis, com margem crenada e medem em média 6 cm de comprimento. As flores são solitárias e terminais, apresentam cinco pétalas brancas com nervuras violeta e com mancha de coloração violeta na base, enquanto que os estames apresentam filetes violeta e anteras amarelas. Floresce entre setembro e março.

O porte, o longo período de floração e as flores vistosas são características propícias para a formação de maciços ou bordaduras, como espécie única ou em conjunto com outras plantas. Presta-se também para o cultivo em vasos e floreiras.



Cytharexylum myrianthum Cham.

A tucaneira é uma árvore ocorrente em matas ciliares ou de encosta.

A planta pode atingir 20 m de altura. O tronco apresenta coloração marrom e as folhas são verdes, opostas e elípticas ou ovaladas. As flores são brancas e diminutas e estão dispostas em cachos terminais com até 20 cm de comprimento. Os frutos maduros são vermelhos, globosos e medem aproximadamente 1 cm de diâmetro. A floração e frutificação são abundantes, sendo que as flores surgem nos meses de novembro e dezembro e os frutos entre janeiro e abril.

O porte, o contraste entre a coloração do tronco e das folhas, a delicadeza das inflorescências, a beleza e a atração de avifauna, propiciada pelos frutos maduros, são características que justificam o cultivo em parques e jardins ou na arborização de ruas e avenidas livres de fiação elétrica.



Glandularia selloi (Spreng.) Tronc.

A glandulária é uma erva comum em campos e nas margens de caminhos.

É uma planta prostrada com folhas verde-escuras. As inflorescências são apicais, medem em torno de 5 cm de diâmetro, e portam flores lilases vistosas e aromáticas que surgem de setembro a dezembro.

Por ser uma erva rasteira e rústica, com inflorescências vistosas e floração abundante, é indicada como forração em canteiros ou para o cultivo em vasos e floreiras a pleno sol.



Hybanthus bicolor (Saint-Hilaire) Baill.



A violeta-do-campo é uma erva ocorrente em formações campestres.

Apresenta ramos verdes e pilosos. As folhas são verdes, pilosas, elípticas a obovadas, com margem crenada. As flores abrem alternadamente, medem cerca de 2 cm e estão dispostas em cachos terminais com até 50 cm de altura. A corola apresenta simetria bilateral e coloração predominantemente lilás azulada, sendo que as pétalas superiores são pequenas, enquanto que as inferiores são grandes. A base das pétalas apresenta manchas amarelas circundadas por um halo branco e outro lilás escuro. Floresce entre novembro e maio.

O porte, o longo período de floração e a coloração e formato incomuns das flores são características propícias para a formação de maciços e bordaduras, como espécie única ou em conjunto com outras plantas. Presta-se também para o cultivo em vasos e floreiras.



Referências

BARBIERI, R.L.; STUMPF, E.R.T.; CASTRO, C.M. et al. **Recursos fitogenéticos nativos do Rio Grande do Sul com potencial ornamental: da prospecção ao uso produtivo**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2007. 23 p. Projeto Pós-Doutor Júnior do CNPq. Projeto concluído.

BARBIERI, R.L.; STUMPF, E.R.T.; ROMANO, C.M. et al. **Recursos fitogenéticos nativos do Rio Grande do Sul com potencial ornamental: da prospecção ao uso produtivo**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2006. 19 p. Projeto do edital Procoredes 3 da Fapergs. Projeto em andamento.

BARROS, L.M.; BARBIERI, R.L.; SOUZA, F.V.D. et al. **Prospecção da flora brasileira e uso de espécies agrícolas para a diversificação e inovação**. Brasília: Embrapa, 2008. Não paginado. Macroprograma 2, 020706012000214. Projeto em andamento.

STUMPF, E. R. T. **Floricultura regional e potencialidade ornamental de plantas nativas do sul do Rio Grande do Sul**. 2007. 157 p. Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Glossário

Alado - estrutura que apresenta alas, expansões laterais.

Antera - parte do estame onde são produzidos os grãos de pólen.

Arbusto - planta lenhosa, sem tronco predominante, que se ramifica desde a base.

Árvore - planta lenhosa com tronco definido e com a parte superior ramificada, formando uma copa.

Avifauna - conjunto das aves encontradas em uma determinada região.

Axilar - que fica no ângulo formado pelo encontro de dois órgãos ou partes da planta.

Bialado - estrutura que apresenta duas alas.

Bioma - conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, resultando em uma diversidade biológica própria.

Bordadura - composição com plantas de baixa estatura que serve para delimitar canteiros ou espaços em um jardim.

Bráctea - folha modificada em cuja axila nasce uma flor ou uma inflorescência.

Brácteas involucrais - conjunto de brácteas que envolvem flores ou inflorescências.

Bulbosa – planta que apresenta bulbo, órgão subterrâneo de reserva de natureza mista, formado por caule e folhas modificadas.

Caducifolia - planta que perde a maior parte das folhas, em um período curto de tempo, em certa época do ano.

Cálice - porção externa da flor formada por um conjunto de sépalas, geralmente verdes.

Campanulado - em forma de campânula ou sino.

Capítulo - inflorescência densamente condensada, com flores sem pedúnculo e que se encontram dispostas em um eixo comum.

Cercas vivas - composição com fileiras de plantas arbustivas ou arbóreas que servem para delimitar ou proteger áreas.

Cladódio - caule fotossintetizante e achatado, que se assemelha a uma folha, como nos cactos.

Colmo - caule com nós e entrenós bem definidos.

Coluna - parte da flor que aloja os órgãos masculinos e femininos nas orquídeas.

Cordiforme - em forma de coração.

Corimbo - inflorescência na qual as flores saem de pontos diferentes de um mesmo eixo e atingem a mesma altura.

Corola - porção da flor formada por um conjunto de pétalas, geralmente atrativa.

Crenada - margem recortada em dentes arredondados.

Decídua - o mesmo que caducifólia.

Digitada - folha dividida em lóbulos profundos e divergentes, que saem do ápice do pecíolo.

Dióica - espécie que têm órgãos reprodutivos masculinos e femininos em indivíduos diferentes.

Durabilidade após o corte - tempo após o corte em que as características estéticas de interesse em ramos, flores ou frutos se mantêm.

Epífita - planta que vive sobre outra, sem parasitá-la, podendo também se fixar sobre outros suportes.

Erva - planta de pequeno porte cujo caule apresenta pouco ou nenhum tecido lenhoso.

Escandente - planta que cresce amparando-se em outra planta ou suporte.

Escapo floral - ramo portador de flores que se origina de um rizoma ou bulbo.

Espiga - inflorescência com flores sem pedúnculo, dispostas muito próximas umas das outras ao longo de um eixo.

Espinescente - que possui espinhos.

Estame - órgão masculino da flor, formado pelo filete, conectivo e antera.

Estigma - porção do pistilo, órgão feminino da flor, receptiva ao pólen.

Estilete - parte do pistilo, órgão feminino da flor, que fica entre o estigma e o ovário.

Estolonífera - planta que forma estolões, caules delgados e longos capazes de formar, vegetativamente, novas plantas.

Estrato arbustivo - composição formada por arbustos.

Estróbilo - conjunto semelhante a um cone formado por peças reprodutivas dispostas em torno de um eixo central, encontrado na maioria das Gimnospermas.

Fascículo - inflorescência cujas flores se inserem em um mesmo ponto do caule, sem um eixo principal.

Filete - porção do estame que sustenta a antera.

Filiforme - em forma de fio, longo e delgado.

Folha alterna - quando em cada nó só há uma folha.

Folhagem de corte - folhas ou ramos com folhas utilizados na confecção de arranjos florais.

Folíolo - cada uma das partes laminares e articuladas, semelhantes a uma folha, que compõem uma folha composta.

Forração - conjunto de plantas rasteiras ou reptantes usadas para revestir áreas de um jardim, tolerantes ou não ao pisoteio.

Gavinha - órgão de fixação filamentoso que se enrosca em torno de suportes.

Gimnosperma - grupo de plantas vasculares cujas sementes são desprotegidas e inseridas em escamas que formam o estróbilo.

Guias de néctar - marcação que sinaliza a localização do néctar nas flores.

Hemiparasita - planta que, embora seja fotossintetizante, depende de outras

para a obtenção de nutrientes.

Herbácea - planta com porte e consistência de erva, com caule tenro.

Hermafrodita - que apresenta órgãos reprodutivos masculinos e femininos.

Imparipinada - folha composta por um número ímpar de folíolos.

Inflorescência - eixo caulinar que produz flores ao longo de seu comprimento.

Insetívora - planta com a habilidade de capturar insetos para deles extrair nutrientes.

Jardim rupestre - jardins com predominância de pedras e seixos em sua composição.

Jardim sensorial - jardim elaborado com plantas com características propícias ao estímulo dos sentidos.

Labelo - pétala maior e de coloração distinta das demais, encontradas nas flores das orquídeas

Lanceolada - em forma de lança, mais longa do que larga.

Legume - fruto seco, cuja abertura se dá por duas fendas longitudinais e com número variável de sementes, típico das leguminosas.

Ligulada - em forma de pequena língua.

Linear - longo e estreito.

Maciços - conjunto adensado de plantas de baixo ou médio porte usado para cobrir áreas de um jardim.

Meia-sombra - local onde o sol não incide diretamente, mas onde há luz indireta ao menos durante 4 horas por dia.

Mucilaginoso - que tem consistência viscosa.

Nervura - elemento condutor de seiva.

Paisagismo - arte e ciência empregada para planejar e preservar o espaço exterior em função das necessidades atuais e futuras e dos desejos estéticos do ser humano, através do uso de plantas e elementos estruturais.

Pápus - cálice modificado das flores de Asteraceae.

Paripinada - folha composta por um número par de folíolos.

Pedicelo - haste que sustenta a flor.

Pedúnculo - haste que sustenta a inflorescência.

Perfilhamento - emissão de brotos, rebentos.

Pergolado - estrutura horizontal composta de vigamento regular sustentado por pilares, que se constrói como um teto vazado, em área externa de uma edificação e que serve de suporte a trepadeiras.

Pétala - cada uma das partes da corola das flores.

Planta guardiã - planta provida de espinhos, utilizada para formar barreiras de proteção em jardins.

Prostrada - planta rasteira.

Pseudobulbo - caule bulbiforme e espessado de algumas orquídeas.

Raque - o mesmo que eixo.

Relvado - área coberta por diversas espécies de plantas rasteiras ou reptantes.

Reniforme - em forma de rim.

Retículo - em forma de rede.

Rizoma - caule subterrâneo com nós, entrenós, gemas e escamas.

Romboidal - em forma de um quadrilátero onde os ângulos não são retos.

Rosetado - com entrenós curtos e disposição circular das folhas.

Rupestre - que cresce sobre rochas.

Sépala - cada uma das partes do cálice das flores.

Séssil - desprovido de pedúnculo ou pedicelo.

Subarbusto - planta lenhosa apenas na base.

Subséssil - com pedúnculo ou pedicelo muito curto.

Tépalas - cada uma das partes de uma flor, onde não há distinção entre o cálice e a corola.

Trepadeira - planta que se enrosca sobre outras plantas ou suportes.

Trialado - com três alas.

Tricoma - prolongamento da epiderme semelhante a um pelo.

Trifoliolado - com três folíolos.

Unguiculado - estrutura com a base em forma de unha.

Unifoliado - com uma só folha.

Urceolado - em forma de urna ou bojo.

Vivaz - planta cuja parte aérea morre todos os anos subsistindo a parte subterrânea

Volúvel - que se enrosca sobre outras plantas ou suportes sem o auxílio de órgãos especiais de fixação.

Xerófila – planta adaptada a lugares secos.

Índice remissivo de nome científicos*

<i>Acianthera sonderana</i> (Rchb. f.) Pridgeon & M.W.Chase	200
<i>Aechmea recurvata</i> (Klotzch) L.B.Sm.	116
<i>Andropogon bicornis</i> L.	216
<i>Angelonia integerrima</i> Spreng.	210
<i>Arachis burkartii</i> Handro	160
<i>Aspicarpa pulchella</i> (Griseb.) O'Donell & Lourteig	180

*Nomes científicos aceitos estão em negrito e itálico, enquanto que sinônimos relevantes estão apenas em itálico.

<i>Aspilia montevidensis</i> (Spreng.) Kuntze	78
<i>Baccharis aliena</i> (Spreng.) Joch.Müll.	80
<i>Baccharis articulata</i> (Lam.) Pers.	82
<i>Baccharis hyemalis</i> Deble	84
<i>Baccharis junciformis</i> DC.	86
<i>Baccharis ochracea</i> Spreng.	88
<i>Baccharis psiadioides</i> (Less.) Joch.Müll.	90
<i>Baccharis usterii</i> Heering = <i>Baccharis junciformis</i> DC.	86
<i>Berberis laurina</i> Thunb.	114
<i>Bidens laevis</i> (L.) Britton, Sterns & Poggenb.	92
<i>Brasiliorchis porphyrostele</i> (Rchb.f.) Singer, Koehler & Carnevali	202
<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	118
<i>Calibrachoa excellens</i> Wijsman	232
<i>Calibrachoa ovalifolia</i> (Miers) Stehmann & Semir	234
<i>Campomanesia aurea</i> O.Berg.	198
<i>Campuloclinium macrocephalum</i> (Less.) DC.	94
<i>Cereus hildmannianus</i> K.Schum.	122
<i>Cliococca selaginoides</i> (Lam.) C.M.Rogers & Mildner	178
<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz & Pav.) Pers.	228

<i>Collaea stenophylla</i> (Hook. et Arn.) Benth.	162
<i>Colletia paradoxa</i> (Spreng.) Escal.	222
<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. & Schult.	130
<i>Crinum americanum</i> L.	54
<i>Crotalaria tweediana</i> Benth.	164
<i>Croton quintasii</i> Allem	142
<i>Cypella fucata</i> Ravenna	150
<i>Cytharexylum myrianthum</i> Cham.	246
<i>Daphnopsis racemosa</i> Griseb.	242
<i>Dasyphyllum spinescens</i> (Less.) Cabrera	96
<i>Drosera brevifolia</i> Pursh	132
<i>Dyckia remotiflora</i> Otto. & Dietr.	120
<i>Ephedra tweediana</i> Fisch. & C.A.Mey.	134
<i>Eriocaulon magnificum</i> Ruhland	136
<i>Eryngium ebracteatum</i> Lam.	60
<i>Eryngium eburneum</i> Decne	62
<i>Eryngium eriophorum</i> Cham.& Schltldl.	64
<i>Eryngium pandanifolium</i> Cham. & Schltldl.	66
<i>Eryngium pristis</i> Cham & Schltldl.	68

<i>Eryngium sanguisorba</i> Cham.& Schltdl.	70
<i>Erythroxylum argentinum</i> O.E.Schulz	138
<i>Escallonia bifida</i> Link & Otto.	140
<i>Eupatorium macrocephalum</i> (Less.) DC. = Campuloclinium macrocephalum (Less.) DC.	94
<i>Galactia neesii</i> DC.	166
<i>Galeandra beyrichii</i> Rchb.f.	204
<i>Gelasine elongata</i> (Graham) Ravenna	152
<i>Glandularia selloi</i> (Spreng.) Tronc.....	248
<i>Heterothalamus alienus</i> (Spreng.) Kuntze = Baccharis aliena (Spreng.) Joch.Müll.	80
<i>Heterothalamus psiadioides</i> Less. = Baccharis psiadioides (Less.) Joch.Müll.	90
<i>Heterothalamus rupestris</i> Deble, A.S.Oliveira & Marchiori = Baccharis hyemalis Deble	84
<i>Hibiscus diversifolius</i> Jacq.	182
<i>Hybanthus bicolor</i> (Saint-Hilaire) Baill.	250
<i>Hypericum caprifoliatum</i> Cham. & Schltdl.	146
<i>Hypericum connatum</i> Lam.	148
<i>Ipomoea uruguayensis</i> Meisn.	128

<i>Jodina rhombifolia</i> (Hook. & Arn.) Reissek	230
<i>Kelissa brasiliensis</i> (Baker) Ravenna	154
<i>Limonium brasiliense</i> (Boiss.) Kuntze	214
<i>Lucilia acutifolia</i> (Poir.) Cass.	98
<i>Macroptilium prostratum</i> (Benth.) Urb.	168
<i>Macrosiphonia longiflora</i> (Desf.) Müll.Arg.	72
<i>Macrosiphonia petraea</i> (St.Hil.) Kuntze = <i>Macrosiphonia pinifolia</i> (A.St.Hil.) Miers	72
<i>Macrosiphonia pinifolia</i> (A.St.Hil.) Miers	74
<i>Mandevilla coccinea</i> (Hook. & Arn.) Woodson	76
<i>Maxillaria porphyrostele</i> Rchb. f. = <i>Brasiliorchis porphyrostele</i> (Rchb.f.) Singer, Koehler & Carnevali	202
<i>Melica brasiliana</i> Ard.	218
<i>Melica macra</i> Ness	220
<i>Mutisia campanulata</i> Less.	100
<i>Mutisia speciosa</i> Aiton ex Hook.	102
<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	196
<i>Noticastrum malmei</i> Zardini	104
<i>Nymphoides indica</i> (L.) Kuntze	194

<i>Octomeria umbonulata</i> Schltr.	206
<i>Oncidium longipes</i> Lindl.	208
<i>Opuntia elata</i> Link & Otto ex Salm-Dyck	124
<i>Opuntia monacantha</i> Haw.	126
<i>Pavonia hastata</i> Cav.	184
<i>Petunia axillaris</i> (Lam.) Britton, Sterns & Poggenb.	236
<i>Piriqueta selloi</i> Urb = <i>Piriqueta suborbicularis</i> (A. St.-Hil. & Naudin) Arbo.....	244
<i>Piriqueta suborbicularis</i> (A. St.-Hil. & Naudin) Arbo.	244
<i>Pleurothallis sonderana</i> Rchb. f. = <i>Acianthera sonderana</i> (Rchb. f.) Pridgeon & M.W.Chase	200
<i>Poiretia tetraphylla</i> (Poir.) Burk.	170
<i>Rapanea umbellata</i> (Mart.) Mez = <i>Myrsine umbellata</i> Mart.	196
<i>Regnellidium diphyllum</i> Lindm.	188
<i>Rhynchosia corylifolia</i> Mart. ex Benth.	172
<i>Rubus urticifolius</i> Poir.	226
<i>Ruellia angustiflora</i> (Nees) Lindau ex Rambo	52
<i>Ruellia sanguinea</i> Griseb. = <i>Ruellia angustiflora</i> (Nees) Lindau ex Rambo	52
<i>Salvia procurrens</i> Benth.	156

<i>Schinus lentiscifolius</i> Marchand	56
<i>Schinus weinmannifolius</i> Engl.	58
<i>Scoparia ericacea</i> Cham.	212
<i>Scutia buxifolia</i> Reissek	224
<i>Senecio bonariensis</i> Hook. & Arn.	106
<i>Sesbania punicea</i> (Cav.) Benth.	174
<i>Sinningia macrostachya</i> (Lindl.) Chautems	144
<i>Solanum granuloso-leprosum</i> Dunal	238
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	108
<i>Stenachaenium megapotamicum</i> Baker	110
<i>Styrax leprosus</i> Hook & Arn.	240
<i>Thalia multiflora</i> Horkel	186
<i>Tibouchina asperior</i> Cogn.	190
<i>Tibouchina gracilis</i> (Bonpl.) Cogn.	192
<i>Trifolium polymorphum</i> Poir.	176
<i>Verbena selloi</i> Spreng. = <i>Glandularia selloi</i> (Spreng.) Tronc.	248
<i>Viguiera anchusaefolia</i> (DC.) Baker	112
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	158

Autores das fotografias

Elisabeth Regina Tempel Stumpf - fotografias das páginas 90, 91, 106, 136, 141, 176, 177, 217, 236, 237, 238, 239, 243.

Gustavo Heiden - fotografias das páginas 14, 30, 32, 36, 42, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 158, 159, 162, 170, 171, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 203, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 22, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 252.

João Ricardo Vieira Iganci - fotografias das páginas 22, 124, 125, 160, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 172, 173, 174, 220, 221.

Lauís Brisolara Corrêa - fotografias das páginas 74, 75, 85, 86, 87, 88, 89, 123, 151, 153, 182, 183, 190, 195, 234, 235.

Rosa Lía Barbieri - fotografias das páginas 20, 28, 44, 48, 64, 65, 119, 155, 156, 157, 209, 213, 218, 219.

Tângela Denise Perleberg - fotografias das páginas 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208.

Sobre os autores

Cátia Maria Romano

É engenheira agrônoma pela UFPel, mestre em Ciência e Tecnologia de Sementes e doutora em Ciência e Tecnologia Agroindustrial pela UFPel. Foi bolsista recém-doutor pela FAPERGS, pelo projeto Recursos fitogenéticos nativos do Rio Grande do Sul com potencial ornamental: da prospecção ao uso produtivo. Atualmente é bolsista na Embrapa Clima Temperado, atuando na área de recursos genéticos vegetais.

Elisabeth Regina Tempel Stumpf

É engenheira agrônoma pela UFRGS, mestre e doutora em Agronomia pela UFPel. Foi bolsista pós-doutor Junior do CNPq, com o projeto Recursos fitogenéticos nativos do Rio Grande do Sul com potencial ornamental: da prospecção ao uso produtivo. Atua como profissional liberal e é pesquisadora colaboradora da Embrapa Clima Temperado nas áreas de floricultura, paisagismo e prospecção de plantas ornamentais nativas no Bioma Pampa.

Gustavo Heiden

É biólogo pela UFPel e mestre em Botânica pela Escola Nacional de Botânica Tropical do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista na Embrapa Clima Temperado, atuando na manutenção do Herbário da Embrapa Clima Temperado (HECT) e na prospecção e identificação taxonômica de recursos genéticos vegetais com ênfase na flora nativa no Bioma Pampa.

João Ricardo Vieira Iganci

É biólogo pela UFPel e mestre em Botânica pela Escola Nacional de Botânica Tropical do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Botânica da UFRGS, onde desenvolve atividades de pesquisa relacionadas a taxonomia, filogenia e conservação de Angiospermas, com ênfase em Leguminosae.

Lauís Brisolara Corrêa

É biólogo pela UFPel e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular da UFRGS, onde desenvolve atividades de pesquisa relacionadas a estudos citogenéticos e moleculares de Angiospermas, com ênfase em Iridaceae.

Rosa Lía Barbieri

É bióloga pela UCS, mestre e doutora em Genética e Biologia Molecular pela UFRGS. É pesquisadora da Embrapa Clima Temperado na área de recursos genéticos vegetais e integra o corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em Agronomia e em Enfermagem da UFPel.

Tângela Denise Perleberg

É bióloga e mestre em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela UFPel. Atua como pesquisadora colaboradora na Embrapa Clima Temperado, em estudos florísticos e taxonômicos de Orchidaceae.

Composto com os tipo Arial Narrow e Futura Bold
Condensed, impresso nos Parques Gráficos da Pallotti,
Santa Maria, RS, miolo em papel couche fosco (LD)
Matte 115g e capa em Supremo 250g.

